



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

MARIA GILVANIA LEITE DUARTE

**AS VARIANTES LINGUÍSTICAS E O LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II: POSSIBILIDADES SOCIOLINGUÍSTICAS**

CAJAZEIRAS-PB

2016

MARIA GILVANIA LEITE DUARTE

**AS VARIANTES LINGUÍSTICAS E O LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II: POSSIBILIDADES SOCIOLINGUÍSTICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva

CAJAZEIRAS-PB

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

D812vDuarte, Maria Gilvania Leite.

As variantes linguísticas e o livro didático do 7º ano do ensino fundamental II: possibilidades sociolinguísticas/ Maria Gilvania Leite Duarte. - Cajazeiras, 2016.

71p.: il.

Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2016.

1. Sociolinguística. 2. Variação linguística. 3. Língua portuguesa - ensino. I. Silva, Jorgevaldo de Souza. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU- 81'27

MARIA GILVANIA LEITE DUARTE

AS VARIANTES LINGUÍSTICAS E O LIVRO DIDÁTICO DO 7º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL II: POSSIBILIDADES SOCIOLINGUÍSTICAS

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras- Língua Portuguesa.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva - UFCG – CFP – UAL
(Orientador)

Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa – UFCG – CFP - UAL
Examinador - Titular

Prof^ª. Dr^ª. Hérica Paiva Pereira - UFCG – CFP – UAL
Examinador – Titular

Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva - UFCG – CFP – UAL
Examinador – suplente

Aos meus pais;
Valdir Duarte Torres (in memorian)
Raimunda Aquino Leite Duarte

Aos meus avós;
Raimundo Leite Teixeira (in memorian)
Olindina Leite de Aquino

Ao meu irmão;
José Carlos Leite Duarte

A minha filha;
Anna Letícia Duarte Dias

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pela oportunidade em realizar este sonho.

Aos meus pais por me apoiarem e me incentivarem a nunca desistir mesmo com todas as dificuldades encontradas.

Agradeço aos meus avós, pelas palavras de incentivo, pela confiança e paciência durante esta jornada.

Agradeço também ao meu irmão, que sempre esteve disponível a me ajudar quando mais precisei.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Jorgevaldo de Souza Silva, pela dedicação e comprometimento na construção deste trabalho.

A todos os professores que contribuíram para minha formação me incentivando nos momentos mais difíceis.

Aos colegas do curso de Letras- Língua Portuguesa - da UFCG, que sempre estiveram presentes nos momentos mais importantes.

Aos amigos e familiares que acompanharam esta jornada com palavras de estímulo e motivação.

A todos que fizeram parte dessa etapa importantíssima em minha vida. Que Deus, em sua infinita misericórdia, os abençoe sempre!

A língua é como um rio que se renova, enquanto a gramática normativa é como a água do igapó, que envelhece, não gera vida nova a não ser que venham as inundações.

Marcos Bagno

RESUMO

A linguística tem um papel fundamental no tocante às diversas manifestações da língua, ao estudar todo processo de comunicação, inclusive em sua manifestação oral. Como parte da Linguística, encontramos a sociolinguística que estuda a língua levando em consideração fatores sociais, culturais e históricos, bem como, o contexto em que a situação a comunicação acontece. A escolha deste tema se deu pelo fato de considerarmos de extrema significância o conhecimento das diversas manifestações linguísticas presentes na sociedade. Buscamos por meio desta pesquisa, observar como o fenômeno da variação linguística é tratada na coleção *Jornadas.port*, apresentar o conceito da variação e observar a abordagem da variação linguística no manual didático do 7º ano do ensino fundamental II, indicado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Esta é uma pesquisa de caráter descritivo qualitativo por meio de uma análise bibliográfica de como se desenvolve o ensino de língua materna. Para fundamentar a pesquisa nos embasamos nos estudos de Bagno (1991), (1999), (2007), Coutinho (2011), Delmanto & Dileta (2012), Fiorin (2003), Freitag (1997), Gurpilhares (2004), Martelotta (2013), Orlandi, (1942), PCN (1998), PNLD (2013), entre outros, a fim de discutirmos práticas mais convergentes com a realidade dos alunos que estão inseridos no processo de ensino-aprendizagem com vistas a garantir uma prática evolutiva na formação de nossos cidadãos no que diz respeito ao ensino de língua materna.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística. Ensino de Língua Portuguesa. Sociolinguística. Livro Didático.

ABSTRACT

Linguistics plays an important role when it comes to the various language expressions, considering the whole process of communication, including oral manifestation. As part of linguistics, we find the Sociolinguistics, which studies the language taking into consideration social, cultural and historical elements, as well as the context where the communication situation happens. The choice of this theme was because we consider extremely significant the knowledge of the different linguistic expressions present in society. We seek, through this research, observe how the phenomenon of linguistic variation is treated in *Jornadas.port* collection, presenting the concept of change and observe the approach to linguistic variation in the didactic manual of the 7th year of elementary school, appointed by the Didactic Book National Program (PNLD). This is a qualitative descriptive research through a literature review of how to develop the mother tongue teaching. To support this research, we rely on the studies of Bagno (1991) (1999) (2007), Coutinho (2011), Delmanto & Dileta (2012), Fiorin (2003), Freitag (1997), Gurpilhares (2004), Martelotta (2013), Orlandi (1942), PCN (1998), PNLD (2008), among others, to discuss converging practices with the reality of students who are included in the teaching-learning process in order to ensure an evolutionary practice in the formation of our citizens when it comes to mother tongue teaching.

KEY WORDS: Linguistic variation. Portuguese language teaching. Sociolinguistics. Didactic Book.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA	15
2.1 CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS.....	15
2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA.....	17
2.3 NOÇÃO DE VARIAÇÃO: VARIANTES REGIONAIS.....	18
3 O LIVRO DIDÁTICO	23
3.1 O PROFESSOR E O ENSINO DAS VARIANTES.....	28
3.2 ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO: UM OLHAR SOBRE A VARIAÇÃO.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXOS	

1 INTRODUÇÃO

A língua constitui um conjunto de variedades linguísticas que sofrem transformações e interferências culturais, sociais e históricas, mediante as necessidades dos falantes.

Sob o viés histórico, conforme afirma Coutinho (2011), a Língua Portuguesa procedeu do latim vulgar introduzido na Lusitânia, região da Península Ibérica, pelos romanos. O português é o próprio latim modificado. A criação do nosso idioma está fortemente ligada a episódios que pertencem à história da Península Ibérica, sendo que a implantação do latim foi um marco decisivo para a formação da língua, sobre isso, veremos a seguir um breve relato histórico.

Gurpilhares (2004) afirma que a gramática foi idealizada a partir de critérios filosóficos. Foi na Grécia Clássica que tiveram início os estudos linguísticos que foram ampliados pelos romanos, pelos trabalhos da Idade Média e pelo estudo normativo dos gramáticos que contribuiu na construção do que se conhece por gramática tradicional.

Na Grécia antiga, o estudo gramatical foi visto em três momentos fundamentais: Período que começou com os filósofos pré-socráticos e os primeiros retóricos, se estendendo até Sócrates, Platão e Aristóteles, nesse momento a língua não era vista como uma inquietação em que cada pensador tinha sua forma de expandi-la. No segundo momento, no período estoico, a língua passa a ser modificada, ganhando formatos independentes. Os estoicos viam os estudos linguísticos parte da filosofia, como manifestação do pensamento e dos sentimentos, todavia deviam ser estudados. O último período, o dos alexandrinos foi um momento de grande importância em que a língua era vista como literária, não apenas filosófica ou lógica, foi nesse momento que surgiram os estudos literários e linguísticos.

Com a habitação da Galícia e da Lusitânia por diversos povos, o latim foi se modificando, tornando-se a língua própria, ganhando cada vez mais espaço entre os povos que ali habitavam. Nesse mesmo cenário, começa florescer os avanços, a ciência começa a se disseminar, a medicina, a filosofia, a matemática e a história.

Mesmo não tendo tanta influência, o dialeto árabe contribuiu para que o romance fosse quase exclusivamente o vocabulário utilizado naquele período, o que veio a constituir o idioma galego conhecido também como galaico-português. Com a

independência de Portugal, o português se difere do galaico, tornando-se idioma autônomo.

Leite de Vasconcelos (apud COUTINHO, 2011, p. 56) classifica três fases essenciais no desenvolvimento da língua portuguesa: **pré-histórica**, que inicia com as origens da língua e se estende até o século IX, nesta fase temos o romance lusitânico; **proto-histórica**, vai do século IX ao XII, momento em que encontrava-se nos textos escritos em latim, vocábulos em português, tínhamos a língua falada, entretanto, não escrita; e a fase **histórica**, que teve início no século XII e se estende até os dias atuais. Essa fase está dividida em dois grandes momentos: a arcaica- momento muito importante em que surge o primeiro texto em português “Cantiga da Ribeirinha”, poesia escrita por Paio Soares de Taveirós, e a moderna- momento em que houve aperfeiçoamento linguístico que foi introduzido a primeira gramática de Língua Portuguesa por Pe. Fernão de Oliveira, “Gramática da Língua Portuguesa”, que garantiu uma mudança significativa nos traços deste idioma.

Ainda de acordo com Coutinho (2011), com o descobrimento marítimo e as conquistas territoriais, a Língua Portuguesa se espalhou rapidamente pelas novas terras conquistadas por Portugal que ao se disseminar por várias regiões, adquiriu características próprias dos falantes, tornando-se dialetos diversos de acordo com as modificações regionais.

Ao descrever o surgimento do português, é possível delinear pontos importantes que contribuíram para a formação de uma língua que veio se modificando ao longo dos tempos, adquirindo características próprias de acordo com as necessidades de seus falantes.

Nesse cenário de compreensão dos fatos da língua, entra em cena a linguística, que não se preocupa apenas com o que é padrão, não atua com o certo e errado, mas com tudo aquilo que se relaciona com a palavra.

Martelotta (2013) explica que a linguística estuda a linguagem observando a composição de línguas naturais, não estando preocupados em estruturas particulares, mas também com as bases que compõem a utilização da língua como meios de comunicação. A linguística apresenta diversas escolas teóricas que se distanciam em compreender os elementos que constituem a língua. No estudo da linguagem é indispensável perceber como ela se estrutura e funciona, para que o linguista formule uma teoria visando promover práticas para descrição da língua.

O estudo científico da linguística possui um objeto próprio de estudo- a linguagem- ocasionada a partir dos enunciados falados ou escritos. O modelo linguístico é baseado através de descobertas verificadas por meio das observações e experiências, tornando-a uma ciência que procura descrever e analisar a língua nas esferas sociais, culturais e nacionalistas levando em consideração sua funcionalidade.

Martelotta (2013) destaca que a linguística avalia que uma língua não é melhor ou pior do que outra, todo código linguístico pode gerar comunicação entre os falantes, é possível que se expresse adequadamente mesmo com todas as variações encontradas, independente do meio social ou região a qual o falante está inserido. No entanto, a Linguística não pretende prescrever o certo ou errado e sim analisar o modo como a língua está sendo usada pelos falantes, sendo que através da fala a linguagem se manifesta de maneira mais natural.

A língua é compreendida como um fruto social da capacidade humana que permite os mais variados meios de comunicação por meio dos signos, assim como conceitua Saussure (1969, p.21):

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

A língua é parte da linguagem, é adquirida por meio do aprendizado e não está completa por si só, para que a língua exista, são necessários que se tenham falantes que coloquem em prática esse sistema convencional, para que se possam cumprir as práticas da linguagem.

As ideias de Saussure (1969) nos mostram que a língua constitui um sistema com estruturas que precisam ser compreendidas a fim de que possamos reconhecer seu funcionamento nas mais variadas instâncias sociais.

O autor anuncia o estruturalismo como a ideia de que a língua é um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, construindo um todo com coerência. As gerações seguintes foram responsáveis em estudar esse

conjunto detalhadamente, surgindo daí o termo estruturalismo, que era a nova tendência de estudar a língua mais profundamente.

Para Martelotta (2013), ao considerar que a língua é formada de elementos coerentes que mantêm relações entre si, verifica que a língua constitui uma formação estrutural que seguem normas internas instituídas dentro do próprio sistema. São a partir da análise deste sistema que se podem investigar os fatos da língua.

A linguística gerativa teve início com os trabalhos de Noam Chomsky. Ao longo de suas mudanças e reformulações, preocupou-se em elaborar um modelo teórico com estilo formal, para relatar e instruir o que é e como funciona a língua, foi inicialmente desenvolvida para contrapor ao modelo behaviorista do linguista norte-americano Leonard Bloomfield, em que a linguagem era entendida como um condicionamento social no qual o organismo respondia mediante os estímulos desta interação, com o gerativismo, as línguas passam a ser consideradas como uma capacidade intelectual natural, assim como afirmou Chomsky (1980, p. 9):

Uma das razões para estudar a linguagem (*exatamente a razão gerativista*) - e para mim, pessoalmente, a mais premente delas - é a possibilidade de ver linguagem como um “espelho do espírito”, como diz a expressão tradicional. Com isto não quero apenas dizer que os conceitos expressados e as distinções desenvolvidas no uso normal da linguagem nos revelam os modelos do pensamento e o universo do “senso comum” construídos pela mente humana. Mais instigante ainda, pelo menos para mim, é a possibilidade de descobrir, através do estudo da linguagem, princípios abstratos que governam sua estrutura e uso, princípios que são universais por necessidade biológica e não por simples acidente histórico, e que decorrem de características mentais da espécie humana (grifo do autor).

Ao tratar as razões para estudo da linguagem em seu uso real, Martelotta (2013) menciona a Sociolinguística, que está preocupada em analisar e descrever as relações entre construções linguísticas e formas sociais e culturais da produção, em que a língua não deve ser estudada de forma livre. O sociolinguista se interessa pelas diferentes condições orais independente das variedades das línguas.

A abordagem linguística que se opõe ao gerativismo e ao estruturalismo é o funcionalismo, corrente que se interessa em examinar a relação entre a construção gramatical dos dialetos e os diversos contextos que eles são utilizados. A corrente funcionalista apresenta diferentes percepções no que se refere ao tratamento da

análise linguísticas e ao tipo de informações utilizadas que resultam da prática, da observação e não da teoria. O funcionalismo entende a linguagem como forma de interação na sociedade, seu intuito era analisar a situação comunicativa que ia além da gramática, levando em consideração condições discursivas dos falantes.

Foi nosso objetivo por meio deste trabalho, de uma forma mais ampla, observar como o fenômeno da variação é tratado no ensino de Língua Portuguesa e de uma maneira mais específica, apresentar o conceito de variação linguística, descrever como é feita a abordagem da variação no Livro Didático do Ensino Fundamental II no 7º ano e propor, se necessário, uma releitura desses conceitos nos Livros Didáticos.

Mediante esta perspectiva é sabível que inúmeras possibilidades de metodologias que preconizem o ensino voltado para a variação linguística atrelada ao ensino de gramática tradicional e a norma padrão sejam buscadas para garantir um ensino de qualidade.

Este trabalho busca contribuir, portanto, para que um novo estímulo seja dado ao ensino de língua materna, o mesmo deve partir do contexto em que o educando está inserido. O ensino de Língua Portuguesa deve preconizar a variação Linguística uma vez que a língua vive em constantes mudanças e o aluno deve estar preparado para isso, ele precisa conhecer as variedades da língua materna para que possa combater os preconceitos existentes na língua, principalmente das classes menos favorecidas. O estudo das variações linguísticas é de suma importância sendo que o ensino de língua deve partir da realidade a qual o aluno está inserido.

Para realização deste trabalho, foi feita uma pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo pelo método hipotético dedutivo, tratando de como se dá o ensino com as variantes linguísticas. Para fundamentar a pesquisa nos embasamos nos estudos de Bagno (1991), (1999), (2007), Coutinho (2011), Delmanto & Dileta (2012), Fiorin (2003), Freitag (1997), Gurpilhares (2004), Martelotta (2013), Orlandi, (1942), PCN (1998), PNLD (2013), entre outros. O texto divide-se em três capítulos que propõem uma apreciação das abordagens linguísticas e do ensino da variação por meio do Livro Didático.

No primeiro capítulo trouxemos um pouco da história do português, bem como, um histórico das correntes linguísticas que ajudaram a constituir a linguística.

O segundo capítulo está subdividido em três tópicos. No primeiro tratamos da relação entre língua, linguagem e linguística mostrando os conceitos mediante as

visões de diferentes autores. No segundo tópico mencionamos a sociolinguística como parte da linguística que leva em consideração fatores sociais, culturais, econômicos como constituintes para o desempenho linguístico. No terceiro tópico, abordamos a questão da variação para tratarmos da variação regional para que possamos combater o preconceito nas diferentes formas linguísticas.

No terceiro capítulo, tratamos da história do Livro Didático e de sua importância enquanto recurso metodológico. Destacamos também o professor como grande responsável pelo ensino das variantes, enfatizando sua importância enquanto mediador do conhecimento. Fazemos uma análise descritiva e qualitativa do trato da variação linguística presente no material didático buscando mencionar a forma como são preconizadas as diversas manifestações da variação no ensino de língua materna.

2 LÍNGUA, LINGUAGEM E LINGUÍSTICA

2.1 CONTRIBUIÇÕES LINGUÍSTICAS

Conforme vimos no capítulo anterior, a língua é entendida como um fator social desempenhado pelos indivíduos em diferentes comunidades linguísticas que utilizam esse mecanismo para desenvolverem suas competências comunicativas, nas palavras de Saussure (1969, p.21):

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo.

A concepção de língua defendida por Saussure mostra que ela só terá sua forma concreta quando desempenhada por indivíduos em comunidades linguísticas. De forma isolada a língua não está completa, ou seja, ela não desempenha sua função. Nas palavras de Bagno (1999, p.9) “Temos de fazer um grande esforço para não incorrer no erro milenar dos gramáticos tradicionalistas de estudar a língua como uma coisa morta, sem levar em consideração as pessoas vivas que a falam”.

Conforme mencionado anteriormente, a relação entre linguagem e sociedade faz parte da composição do ser humano que utilizam como meio de comunicação verbal uma língua. A linguagem é um método de comunicação construído mediante a necessidade dos falantes que utilizam nesse processo o signo linguístico, já no ensino da gramática encontramos a língua muitas vezes estudada de forma solta, isolada, comprometendo o entendimento de muitas formas gramaticais e seu uso na realidade, no dia a dia.

Mediante o que nos afirma Martellota (2013), o termo linguagem apresenta vários sentidos, uma vez que podem existir diferentes processos de comunicação. No entanto, os linguístas atribuem essa capacidade da linguagem apenas aos seres humanos que utilizam como meio para se comunicar, a língua. Eles estudam a linguagem não apenas em sua estrutura particular, mas nos métodos que são utilizados na base da comunicação. Martellotta (op. cit., p.19) ressalta que: “a

linguagem é um dos ingredientes fundamentais para a vida em sociedade. Desse modo, ela está relacionada à maneira como interagimos com nossos semelhantes refletindo tendências de comportamentos delimitadas socialmente”.

Segundo Orlandi, (1942), no início do século XX a linguística era tida como ciência que se preocupava em expor e analisar a linguagem verbal humana. O interesse em conhecer o poder que a linguagem exerce sobre o ser humano aconteceu em diferentes épocas, mas só com o surgimento da linguística que toda essa investigação torna-se ciência desenvolvida por meios e técnicas próprias, preocupando-se em tudo que diz respeito aos casos linguísticos.

Ainda segundo a autora, houve dois grandes momentos para fundamentar o que viria a ser a linguística, que foram os séculos XVII- gramáticas gerais e o século XIX- gramática comparada. A linguística teve início de fato, com o Curso de Linguística Geral do suíço Ferdinand de Saussure publicado em 1916, foi à base para que a ela pudesse se solidificar na modernidade. Com Saussure a linguística ganha um objeto de estudo- a língua, bem como afirma Martelotta (2013, p. 20):

A linguística considera, pois, que nenhuma língua é intrinsecamente melhor ou pior do que outra, uma vez que todo sistema linguístico é capaz de expressar adequadamente a cultura do povo que a fala. Desse modo, uma língua indígena, por exemplo, não é inferior a língua de povos considerados “mais desenvolvidos”, como português, o inglês ou o francês (grifo do autor).

A linguística tem, pois, um papel relevante ao tratar os fatos que acontecem na fala à medida que, ela observa a língua em uma sociedade heterogênea em que os indivíduos possuem suas particularidades ao passo que, os mesmos necessitam em usar essa faculdade, que é a linguagem. Fiorin (2003, p.75), afirma que:

[...] a linguística tem um papel de educar para a democracia, educar para a cidadania. A democracia é um sistema político em que existe um respeito à diferença, um respeito à diversidade. Ora, a linguística, ao mostrar que a língua é heterogênea, que a língua é diversa, que a língua é plural, é de certa forma, uma maneira de educar para a tolerância e isso é educar para a democracia.

É de grande valia, a nosso ver, a contribuição que essa corrente trouxe para o estudo da língua, levando em consideração todas as maneiras de fala

apresentadas pelas comunidades linguísticas, construindo assim, o conhecimento e respeito por essas diversas maneiras de comunicação.

2.2 A SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística é a área que analisa a língua em seu sentido real, estabelecendo como relação os aspectos sociais e culturas com estruturas linguísticas.

Martelotta (2013) alega que perante o descontentamento com os modelos que separavam o objeto da linguística em relação à utilização da língua e de suas diferentes manifestações, outros caminhos foram buscados, o que contribuiu para o aparecimento da sociolinguística.

Um fator importante na construção da sociolinguística segundo Mussalim e Bentes (2001), foi à publicação pelo linguista Labov, no ano de 1963 o trabalho que tinha foco na sociedade da ilha de Martha's Vineyard, no litoral da Massachusetts em que o autor analisa o poder dos aspectos sociais nas diferenças linguísticas observadas.

Seguindo as linhas dos autores acima citados, é verificável que toda comunidade apresenta diferentes modos de falar que é específico e caracterizado pelos falantes que atuam nas práticas de comunicação, dessa forma, Mussalim e Bentes (2001, p. 33), asseguram que:

Língua e variação são inseparáveis: a Sociolinguística encara a diversidade linguística não como um problema, mas como uma qualidade construtiva do fenômeno linguístico. Nesse sentido, qualquer tentativa de buscar aprender apenas o invariável, o sistema subjacente- se valer de oposições como "língua e fala", ou competência e *performance*- significa uma redução na compreensão do fenômeno linguístico. O aspecto formal e estruturado do fenômeno linguístico é apenas parte do fenômeno total (grifo do autor).

Ainda segundo as autoras, as línguas existentes no mundo são transmitidas de geração a geração de um modo particular, constituindo dessa forma continuações históricas.

Consoante nos afirma as autoras, o termo sociolinguística foi desenvolvido em 1964. Surgiu em um congresso organizado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) que teve a participação de vários estudiosos que posteriormente tornariam-se renomados com relação aos estudos entre linguagem e sociedade. Com a publicação em 1966 dos trabalhos apresentados no referido congresso intitulado Sociolinguistics, Bright introduz ao publicar “As dimensões da sociolinguística”, esse campo de estudo, esclarecendo-o e caracterizando-o.

Para as autoras, a sociolinguística preocupa-se em relacionar as mudanças linguísticas que podem ser observadas em diferentes comunidades, levando em consideração, as distinções nas construções sociais que cada uma delas apresenta. A sociolinguística prospera no período em que o formalismo ilustrado pela gramática de Chomsky, obtém grande e vitorioso impacto naquela época. A sociolinguística observava que de um lado, a inquietação com as semelhanças entre linguagem e sociedade possuía raízes históricas no contexto norte-americano, e de outro, via que é era impossível separar a língua do contexto social. Mussalim e Bentes (2001, p.42) defendem que:

Para a Sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

É perceptível que as estruturas linguísticas dependem de fatores sociais e que estes caracterizam a comunidade a qual os falantes estão inseridos. A sociolinguística se preocupa em analisar todos os casos da fala de qualquer comunidade, não interessando, distinguir o certo do errado, mas tudo aquilo que está relacionado com o processo de comunicação.

2.3 NOÇÃO DE VARIAÇÃO: VARIANTES REGIONAIS

Os falantes obtêm as variedades linguísticas dependendo da sua região, da classe social, do contexto que ele está inserido, conforme define Bagno (1999, p.

44); “Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares”.

Nesse sentido Mussalim e Bentes (2001) descrevem as variedades linguísticas seguindo dois critérios básicos: **a variação geográfica** (ou diatópica) e a **variação social** (ou diastrática), a primeira está ligada às diferenças linguísticas existentes no ambiente físico, observadas em falantes de procedências geográficas diferentes. A segunda está relacionada com a identidade e organização sociocultural da comunidade do falante. Fazem parte da variação de natureza social: a) classe social; b) idade; c) sexo e d) situação ou contexto social.

Os falantes de uma determinada comunidade devem se adequar as situações de comunicação em que os mesmos devem saber quando podem ou não mudar de uma variedade a outra.

As variedades linguísticas que estão relacionadas ao contexto recebem o nome de variações estilísticas ou registros, nesse caso os falantes mudam suas falas, utilizando estilos ou registros diferentes na comunidade e no contexto ao qual o mesmo faz parte. Martelotta (2013, p. 142), ao tratar das variantes linguísticas, ilustra que:

O termo “variante” é utilizado para identificar uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico. Tomemos, por exemplo, a variação nos pronomes pessoais na primeira pessoa do plural ilustrada com o verbo “falar”. Temos as formas “nós falamos” e “a gente fala” como variantes do presente do indicativo. Ambas as expressões são aceitas pelas pessoas em geral, mas a estrutura “nós falamos” é considerada mais formal, enquanto “a gente fala” soa mais coloquial (grifo do autor).

Uma contribuição importante da sociolinguística é que foi formas não padrão ocorrem nas falas de pessoas com alto nível de escolarização, sendo que em conversas informais essas formas são muito utilizadas. A Sociolinguística prevê por meio de suas técnicas de análise da língua, o uso de uma variante e a disposição com que essa mesma variante pode ser utilizada.

As mudanças existentes na língua estão relacionadas a diferentes fatores que não podem ser dissociadas de motivos sociais do grupo ao qual o falante está inserido, uma vez que esses fatores contribuem para que ocorram variantes na língua, para Bagno (1999, p. 67).

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pior” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. Se tivermos de incentivar o uso de uma norma culta, não podemos fazê-lo de modo absoluto, fonte do preconceito.

Consoante Martelotta (2013), a pesquisa Sociolinguística partiu de um objeto de estudo- que era a língua discorrida nas ocasiões naturais em que o falante preocupava- se com o que dizer e não com o como dizer, a partir desse objeto foi possível criar o modelo teórico da linguística.

Segundo o autor (2013, p. 149), para apreciação dos acontecimentos da alteração linguística foi levado em consideração cinco grandes dimensões instituídas por Weinreich, Labov e Herzog, nos estudos em 1968, (sic):

- 1) Os fatores universais limitadores da mudança (e variação), que podem ser sociais ou linguísticos;
- 2) O encaixamento das mudanças no sistema linguístico e social da comunidade;
- 3) A avaliação das mudanças em termos dos possíveis efeitos sobre a estrutura linguística e sobre a eficiência comunicativa;
- 4) A transição, momento em que há mudanças intermediárias;
- 5) A implementação da mudança: estudo dos fatores responsáveis pela implementação de uma determinada mudança; explicação para o fato de a mudança ocorrer numa língua e não em outras, ou na mesma língua em outros momentos.

Por meio do estudo da variação linguística, coletado por meio dos dados, o linguista pode estabelecer leis para apresentar e esclarecer fatos ocorridos na fala que dependem de fatores linguísticos e não linguísticos (contexto linguístico, sexo, faixa etária, etc.).

A sociolinguística relata o que corre nas mais variadas sociedades de fala (levando em conta os fatores linguísticos e extralinguísticos) como também, esclarece quanto a essas intenções de mudanças, o que contribui de forma significativa para o ensino de línguas.

As pesquisas nesse campo contribuem para que a língua seja vista de forma menos preconceituosa em que o dialeto formal não é pior ou melhor, do dialeto da

sociedade em que o aluno está inserido. Assim, Martelotta (2013, p. 153), ressalta que:

A sociolinguística, com suas pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, dá-nos informações detalhadas acerca da variante produzida pelas pessoas mais escolarizadas, sobre as variantes que deixaram de ser estigmatizadas, e das mudanças já implementadas na fala, mas que ainda não são aceitas nas gramáticas normativas. Com isso, a área da educação se enriquece com as informações que podem ser usadas também no ensino de língua culta, que passa a ser baseada em dados reais.

A língua deve ser tratada na escola mediante seu uso, partindo daquilo que é utilizado na realidade e não naquilo que acontece no abstrato, desse modo, as novas abordagens ao uso da língua só são possíveis mediante as contribuições da sociolinguística, em que ela deu um novo sentido para os casos da fala, sendo que eles não acontecem fora do contexto social ou situacional do falante, ocasionando as mais diversas realidades linguísticas.

A língua é heterogênea por representar um exercício social desempenhado por todos os usuários coletivamente que interagem por meio da fala ou escrita. Para Bagno (1991) a Sociolinguística deve associar a heterogeneidade da língua com a heterogeneidade social uma vez elas estão intimamente interligadas uma intervindo na outra. Sobre este assunto, Bagno (1991, p. 39) relata que:

A grande mudança introduzida pela Sociolinguística foi a concepção de língua como um “substantivo coletivo”: debaixo do guarda-chuva chamado língua, no singular, se abrangem diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes (grifo do autor).

Dessa forma vemos a grande contribuição dessa ciência para que seja possível o estudo das diversos modos da comunicação que leva em conta diferentes níveis da língua. O autor classifica a variação de acordo com a maneira em que elas ocorrem.

Variação fonético- fonológica- é aquela que leva em consideração as diferentes maneiras de pronunciar um determinado fonema no português brasileiro. Ex: as diferentes maneiras de pronunciar o R a palavra torta.

Varição morfológica- as formas que mostram sufixos diferentes, mas que prevalece o mesmo sentido. Ex: pego e pegado

Varição sintática- ocorre quando os elementos de uma determinada sentença se dispõem de maneiras diferentes, mas seu sentido é inalterado. Ex: Uma garota que gosta de brincar de boneca/ Uma menina que gosta de brincar de boneca/ Uma menina que gosta de brincar disso.

Varição semântica- uma palavra pode apresentar sentidos diferentes, dependendo da região que o falante está inserido. Ex: macaxeira, mandioca e aipim.

Varição lexical- diferentes maneiras em que uma palavra pode aparecer, mas que tem o mesmo sentido. Ex: jerimum e abóbora.

Varição estilístico- pragmática- aquela em que os enunciados são produzidos de acordo com a formalidade da interação verbal. Ex: Bom dia amigo! / Bom dia mano!

Seguindo as linhas do autor, verificamos que causas extralinguísticas auxiliam nos fatos linguísticos, dos quais podemos mencionar: origem geográfica, status socioeconômicos, grau de escolarização, idade, sexo, mercado de trabalho e redes sociais. O que tem maior impulso é o grau de escolarização sendo que no país, o status socioeconômico ainda permanece muito forte uma vez que, as escolas ainda estão ligadas as pessoas com a classe econômica mais elevada.

No tocante às variações regionais, fica claro que nenhuma variação regional é melhor ou pior que outra, cada uma tem sua importância porque constitui a identidade do seu interlocutor. Nas palavras de Bortoni-Ricardo (2004, p.33):

Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar é, antes de tudo, um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social.

Nesse sentido, podemos salientar que cada comunidade com maior ou poder econômico e político, tem sua importância, e cabe a nós combatermos esse preconceito criado pelas comunidades consideradas de maior prestígio.

3 O LIVRO DIDÁTICO

O Livro Didático é um recurso metodológico de importância extraordinária para o ensino, sem ele, é mais difícil que a educação progrida equanimente. Mas em contrapartida, ele não deve ser o único subsídio que o professor deve estar utilizando em suas aulas, uma vez que, ele por si só, não se constitui o único recurso viável para os professores.

Freitag (1997) nos relata que o Livro Didático não tem uma biografia própria no Brasil, sendo que sua história não passa de decretos, projetos e medidas datadas a partir de 1930. Foi a partir desta data que a política educacional ganhou mais consistência progredindo democraticamente almejando uma base científica.

A autora ressalta que em 1937 foi criado o primeiro empreendimento pelo Estado Novo, o INL (Instituto Nacional do Livro) que foi responsável em divulgar e distribuir obras de importância pedagógica. Segundo a autora, outro passo muito importante para a constituição do Livro Didático foi o Decreto-Lei 1.006 de 30/12/1938, por meio deste decreto foi criada a comissão Nacional do Livro Didático (CNLD), momento em que os livros ganharam uma inspeção e julgamento para que fossem produzidos mais livros que ainda não existiam no Brasil.

Em 1980 o Livro Didático consegue ser vinculado à política pública para alunos carentes, posteriormente passa a ser vinculada ao PLIDEM e PLIDESU, que eram programas para o ensino médio e supletivo. É perceptível que as políticas públicas para o livro didático vão ganhando cada vez mais espaço na medida em que vão ganhando firmeza.

Em 1983 pela Lei 7.091, foi criada a Fundação de Assistência ao Estudante (FAE), vinculado ao MEC, que tinha por objetivo apoiar a Secretaria de Ensino de 1º e 2º graus- SESP/MEC, facilitando o processo educativo-pedagógico. Nesse período, foram reunidos diversos programas de auxílio do governo, o PNAE (Programa Nacional de Alimentação Escolar) PLIDEF (Programa do Livro Didático-Ensino Fundamental), entre outros.

Segundo a autora, com a abertura da Velha República (regime militar) houve alguns problemas relacionados à política assistencialista do Livro Didático, a escolha do livro e o prazo da entrega no tempo determinado foram os problemas mais comuns, que devem ser mencionados.

Apresentados a FAE nas reuniões do Comitê de consultores para a Área Didático-Pedagógica constituído por cientistas e políticos em diferentes áreas. Este comitê era responsável segundo Freitag (1997 p.17) em:

Orientar a presidência da FAE sobre a política e os planos da instituição;
Apreciar o plano anual e o relatório de atividades da FAE;
Subsidiar a formulação das políticas e diretrizes para a área didático pedagógica;
Propor a realização de estudos e pesquisas na área do livro didático e material instrucional, bem como avaliar a qualidade das propostas apresentadas para financiamento, pela FAE, e os seus resultados;
(...)
Propor medidas que contribuem para o aprimoramento da qualidade dos livros didáticos e materiais escolares etc. (cf. carta ofício 662 de 09/11/84, dirigida aos membros nomeados do comitê).

Com o decreto 91.542 de 19/08/85 assinado pelo presidente da Nova República o comitê foi desativado. Sob nova presidência, a FAE busca descentralizar o Programa Nacional do Livro Didático, colocando em questão que o livro devia ser escolhido pelo educador que o utiliza constantemente em sala de aula. Neste cenário o livro ganhou mais durabilidade e qualidade à medida que ganhava muito mais seriedade.

Com esse novo olhar das políticas públicas concebidas pelos governos para o Livro Didático, foi possível reformular medidas que fortaleceriam mais ainda esse recurso reutilizável. Freitag (1997, p. 19) declara que:

A importância dada pelo governo ao livro didático e o controle crescente sobre ele, exercido pelo governo federal, pelos estados e municípios, decorrem da percepção de que é necessário compensar-via políticas públicas- as desigualdades criadas por um sistema econômico e social injusto, com enormes discrepâncias sócio-econômicas entre ricos e pobres.

Com as novas mudanças ocorridas no ensino ao longo dos anos em relação à importância da escolha do Livro Didático a ser trabalhado em sala, entra em cena um grande responsável por esta escolha- o professor, que diariamente está utilizando esse recurso.

As políticas públicas adotadas pelos governos são de suma importância para que melhorias no ensino sejam alcançadas, uma que tem papel fundamental no auxílio para o professor é a do Livro Didático (PNLD), que garante aos alunos das escolas públicas livros gratuitos de boa qualidade.

O Programa Nacional do Livro Didático- PNLD, criado pelo Ministério da Educação em 1996, é um programa nacional de grande proporção e complexidade, acontece de forma trienal alternada, com o objetivo de ajudar aos profissionais da educação em escolher de forma consciente e autônoma o recurso metodológico utilizado em sala de aula. Antunes (2003, p.23), enfatiza que “Vale refletir também o trabalho que é realizado pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) que, pelo menos em relação à Língua Portuguesa, tem oferecido ótimas pistas para a produção dos manuais de ensino”.

O PNLD (2013) ratifica que o professor tem um papel fundamental para escolha do livro a ser trabalhado, de forma autônoma e consciente ele deve investigar qual material condiz com a realidade da turma que ele leciona, com as particularidades que cada uma apresenta. É importante que o professor conheça o Programa para que a escolha seja feita da melhor maneira possível com o intuito de ter um bom resultado final.

Bagno trata da questão da qualidade do Livro Didático que avançou positivamente. Linguístas e professores dão grandes contribuições para que melhores propostas linguísticas sejam adotadas nos livros para facilitar a prática pedagógica. Bagno (2007, p. 119), menciona que o uso das variações no material didático ainda é considerado problema:

O tratamento da variação linguística nos livros didáticos continua sendo um tanto problemático. A gente percebe, em muitas obras, uma vontade sincera dos autores de combater o preconceito lingüístico e de valorizar a multiplicidade linguística do português brasileiro. Mas a falta de uma base teórica consistente e, sobretudo, a confusão no emprego dos termos e dos conceitos prejudicam muito o trabalho que se faz nessas obras em torno dos fenômenos de variação e mudança.

O autor mostra que um dos problemas recorrentes no LD é o uso de variantes regionais, de pessoas sem escolarização como sinônimo da variante linguística, o que nos dá a ideia de que falantes escolarizados não utilizam variantes

em suas falas. É nesse contexto que Bagno (2007) ilustra como exemplo, a utilização do recurso didático, as tirinhas com o personagem de Chico Bento (Maurício de Sousa) em que muitos autores utilizam de forma inadequada o trabalho criativo do escritor.

A partir da preocupação em construir uma escola que forme cidadãos capazes de se comunicarem nos mais variados meios, foi pensado uma revisão do currículo que orientam novas metodologias para os professores em educação no Brasil e que atenda a todas as classes sociais, não só aquelas consideradas mais favorecidas. Nas palavras de Marta Scherre (apud ABRAÇADO, 2008 p. 26). “Uma escola de qualidade que reflita as ideias de uma sociedade democrática e que nos ofereça múltiplas linguagens contribuirá decisivamente para a construção de comunidade mais humanitária”.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais contribuem para que as escolas possam ser vistas de uma maneira mais ampla, em que todos os segmentos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem participassem ativamente contribuindo para que melhorias no ensino sejam alcançadas. Eles levam em conta diferentes contextos que possibilitam ao educando conhecimentos necessários para a prática da cidadania.

Mediante os PCN (1998), a Educação Básica determinada pela Lei Federal nº 9.394, de 1996 — nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, objetiva contribuir no desenvolvimento do educando para que ele possa exercer seu papel de cidadão progredindo em várias outras esferas fora do ambiente escolar.

Tratando sobre a língua portuguesa, os PCN (op. cit.) defendem que é indispensável propiciar ao aluno condições para que ele possa dominar a linguagem e a escrita, habilidades que são essenciais para a prática social. Funcionam como um documento norteador que contribui na área de Língua Portuguesa com técnicas e propostas didáticas, baseadas na proposta curricular.

Desde a década de 70 o ensino de Língua Portuguesa vem sofrendo grandes transformações no que se refere à condição de ensino no país, centralizado na competência da leitura e escrita, responsáveis pelo índice tão elevado de reprovações. Nesse período, o ensino era preconizado pelas formas gramaticais mesmo que levado em conta a comunicação e necessidade de expressão por parte dos alunos.

Na década de 80, baseado em pesquisas da linguística, um novo olhar ao ensino foi dado possibilitando um grande avanço para aquisição da escrita, o que permitiu reflexões acerca dos conteúdos de língua materna que eram ensinados. Nessa década o ensino de Língua Portuguesa começou a se expandir, momento em que a democratização de saberes começou a ganhar espaço.

No tocante a variação linguística, os PCN (1998) preconizam que o ensino deve ser trabalhado à medida que leve em consideração a Língua Portuguesa como um conjunto de variedades linguísticas em que os alunos devem conhecê-las para que possam interagir nos diferentes meios da interação social. Os PCN (1998 p. 82) defendem que:

Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística. Desse modo, não pode tratar as variedades linguísticas que mais se afastam dos padrões estabelecidos pela gramática tradicional e das formas diferentes daquelas que se fixaram na escrita como se fossem desvios ou incorreções. E não apenas por uma questão metodológica: é enorme a gama de variação e, em função dos usos e das mesclas constantes, não é tarefa simples dizer qual é a forma padrão (efetivamente, os padrões também são variados e dependem das situações de uso).

O documento ressalta que, para não existir preconceito com as variedades na fala, a escola precisa atentar para medidas eficientes que devem levar em conta diferentes situações de comunicação, possibilitando ao aluno o conhecimento de formas linguísticas diferenciadas em cada processo comunicativo. A escrita é orientada por regras da gramática o que não ocorre na fala, mesmo que em alguns casos, para produção oral, seja preciso recorrer a normas gramaticais.

O aluno precisa compreender que as formas linguísticas existentes são particulares da história e da cultura de determinada sociedade, para isso ele precisa reconhecer que o ambiente socioeconômico contribui para o surgimento dessas variantes.

Segundo os PCN (op. cit.), é preciso instigar em nossos alunos a consciência linguística por meio do estudo da variação em atividades constantes, visto que o educando irá desenvolver suas competências comunicativas.

O documento trata de forma sucinta a questão da variação, destacando sua importância nas aulas de língua materna para o desenvolvimento de habilidades e competências dos alunos, mas deixa evidente que esse estudo é essencial para o aprimoramento da capacidade da linguagem nos mais variados meios, sugerindo algumas atividades que podem contribuir para o ensino de Língua Portuguesa.

3.1 O PROFESSOR E O ENSINO DAS VARIANTES

A escola é responsável em adotar práticas constantes que incentivem em seu corpo docente métodos de ensino a partir das contribuições da linguística, por tratar da língua em sua funcionalidade, considerando aspectos da comunicação e interação verbal. Nas palavras de Bagno (2007, p.79) “Reconhecer que a escola é o lugar de interseção entre o saber erudito-científico e o senso comum, e que isso deve ser empregado em favor do/a estudante e da formação de sua cidadania”.

Dentro do ambiente escolar temos uma importante figura que contribui para o ensino de língua portuguesa- o professor, capaz de dinamizar suas aulas a fim de contribuir significativamente para a formação cidadã do educando, por meio de um ambiente democrático.

Segundo o autor, o professor tem que promover nos alunos a consciência linguística à medida que, por meio das diferentes formas de comunicação utilizadas por meio da linguagem, estamos nos relacionando socialmente.

O autor trata que a reeducação sociolinguística contribui para formação do aluno como cidadão consciente nas práticas da linguagem, para ele, essa é uma tarefa cabível ao professor. Dessa forma, Bagno (2007, p.83) ressalta que:

Significa valer-se do espaço e do tempo escolares para formar cidadãos e cidadãs conscientes da complexidade da dinâmica social, conscientes das múltiplas escalas de valores que empregamos a todo momento em nossas relações com as outras pessoas por meio da linguagem.

Bagno (2007) mostra a importância da utilização da reeducação sociolinguística quando menciona que por meio dela o professor tem a oportunidade de fazer os alunos entenderem que possuem uma capacidade de comunicação- a língua, assim será possível desenvolver neles ainda mais essa capacidade.

O trabalho com reeducação é muito importante à medida que leva os alunos a entenderem que existem diferentes maneiras de falar e que algumas são consideradas “melhores” que outras, dessa forma o professor instigará a consciência linguística, promovendo o respeito a essas diversidades linguísticas.

A questão da reeducação sociolinguística também propõe o conhecimento a diferentes formas de falar e escrever, criando um ambiente ao qual o educando desenvolve seu repertório comunicativo. O professor pode conscientizar seus alunos de que a língua deve ser utilizada como prática e acesso social momento em que devemos combater o preconceito.

Uma forma importante é a prática de leitura e escrita- prática de letramento, entra em cena o uso dos gêneros textuais que circulam, nos mais variados meios, contribuindo para que o educando torne-se um leitor crítico e autônomo. Esse fenômeno da reeducação sociolinguística contribui para que os alunos reconheçam que as variedades fazem parte da cultura, da história, do meio social de um povo e que elas merecem ser preservada e valorizada.

O autor trata a importância que o profissional da área tem em selecionar o material a ser utilizado em sala e o modo como ele deve fazer isso. O profissional de Língua Portuguesa deve promover uma educação que liberte e democratize, para que tenhamos uma melhoria na educação em nosso país.

É importante o professor de Língua Portuguesa conduzir e instruir as aulas mediante os processos da variação com base a desenvolver nos educandos a valorização da nossa língua materna como seres cruciais e participativos socialmente.

Bortoni-Ricardo (2007) externa que o professor deve conscientizar o aluno para que saiba selecionar e verificar seu próprio modo de falar sem que ocorram prejuízos no ensino aprendizagem, ao mesmo tempo em que o trato inadequado a essas situações causam insegurança por parte dos alunos que necessitam de respeito as suas características comunicativas.

3.2 ANÁLISE DO MATERIAL DIDÁTICO: UM OLHAR SOBRE A VARIAÇÃO

Mediante o que sugere os PCN (1998), o ensino de Língua Portuguesa deve propiciar ao aluno o desenvolvimento da leitura, escrita e produção textual por meio

de atividades motivadoras. Um novo olhar para o ensino de língua materna é pensado à medida que é necessário trabalhar formas metalinguísticas como também epilinguísticas para que a língua seja compreendida em seu uso de interação discursiva.

O PNLD (2013) propõe que as atividades desenvolvidas no Livro Didático aconteçam de forma contextualizada ao passo que contemple leitura, escrita e produção, bem como aspectos linguísticos e gramaticais em uso real da língua, não só em sua superficialidade.

Bagno (2007) relata que o tratamento da variação linguística presente nos Livros Didáticos acontece de forma bastante abreviada, ao passo que muitas vezes o tratamento da variante linguística é feito de uma forma “cômica”. O autor ainda expõe que o uso das variedades está ligado ao contexto em que os livros são produzidos, ou seja, a maioria dos livros é produzida na região Sudeste, caracterizando no material didático, as variedades dessa região.

Outro ponto importante, mencionado pelo autor, é o fato de muitos materiais didáticos adotarem o uso da variação pelo simples fato de atender a uma exigência do Ministério da Educação. O tratamento da variação não deve ser trabalhado em um único ponto ou tópico, mas deve ser utilizado juntamente ao ensino da gramática.

Dessa forma, este capítulo relata de forma descritiva, as atividades linguísticas propostas no Livro Didático utilizado em sala de aula. Tivemos como suporte livros do ensino fundamental da rede pública. Há uma grande dificuldade encontrar-se o tratamento das variações nos manuais didáticos nas séries finais do ensino fundamental, quando elas aparecem, é de forma bastante sintetizada.

Analisamos a coleção *Jornadas.port* das autoras Dileta & Delmanto (Licenciada em letras e mestre em língua portuguesa, professora da rede estadual e particular de São Paulo) e Laiz B. de Carvalho (Licenciada em Letras e mestre em literatura brasileira, também professora da rede estadual e particular de São Paulo) foi possível encontrar em suas propostas um estudo centralizado no uso dos diferentes gêneros textuais mas que não salientam o ensino das variações. Apenas no livro do 7º ano, foram encontradas algumas questões que tratam da variação linguística.

Delmanto & Dileta (2012) definem que para a coleção foram selecionados textos e atividades que aproximam os alunos da leitura e fazem com que se

interessem cada vez mais por ela. As autoras procuram, por meio das atividades propostas no livro, que os educandos possam pensar sobre a realidade que os cercam bem como refletir sobre a importância de conhecer de uma forma mais detalhada os gêneros presentes no cotidiano dos alunos mediante as inúmeras formas de expressão que a língua proporciona.

A coleção possui a seguinte estrutura na organização: estão divididos por gêneros textuais, em cada volume encontramos oito unidades, no final de cada unidade encontramos o projeto do ano em que se aproveitam as produções das unidades anteriores. Cada unidade apresenta uma seção intitulada *Conhecimento Conectado* que trabalha a vinculação da língua portuguesa com outras disciplinas no campo de linguagens. Cada unidade aprecia dois gêneros e organiza-se em seções, subseções e boxes.

No Quarto capítulo intitulado Em verso e prosa, encontramos de forma bem sucinta, no tópico que trata de Reflexão sobre a língua, Variedades linguísticas I, que menciona as variedades regionais e variedades históricas de maneira clara e objetiva. As autoras mostram que os fenômenos linguísticos estão articulados a textos estudados na unidade, o que ajuda a desenvolver a competência comunicativa mediante a reflexão dos diversos recursos que a língua possui.

No decorrer do material didático as explicações sempre são postas mediante as atividades propostas, ao passo que elas vão explicando determinado assunto, e desenvolvendo questões tanto objetivas quanto descritivas.

No item que traz Reflexão sobre a língua, encontramos a variação linguística I, observamos que as autoras trabalham a questão da variação por meio do trecho de uma crônica, elas salientam que as diferenças existentes na língua são provenientes de marcas históricas, regionais, sociais e de registros. Logo após a questão, as autoras trazem um conceito do que seria variação.

Figura 1 – Reflexão sobre a língua- Variedades linguísticas I

REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

Variedades linguísticas I

Habilidade em foco: identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variações históricas, sociais, regionais e de registro.

1. Leia esta pequena crônica, chamada "A língua".

Conta-me Cláudio Mello e Souza. Estando em um café de Lisboa a conversar com dois amigos brasileiros, foram eles interrompidos pelo garçom, que perguntou, intrigado:

– Que raio de língua é essa que estão aí a falar, que eu percebo tudo?

Rubem Braga. *Recado de primavera*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

a) A qual língua o título do texto se refere? *A língua portuguesa.*


b) O que pode ter levado o garçom a pensar que se falava uma língua diferente da sua? *Possivelmente a pronúncia daqueles brasileiros, o vocabulário, a forma como construíam as frases.*

É fato bem conhecido que existem muitas diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil. Porém, não é apenas entre o português europeu e o brasileiro que ocorrem variações. Por ser falada em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões, por pessoas de diferentes idades e grupos sociais e em diferentes momentos históricos, até mesmo dentro do território brasileiro a língua portuguesa apresenta variações.

As variações que uma língua apresenta em razão das diferentes condições sociais, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são chamadas de **variedades linguísticas**.

Perceber, nesse contexto, é "compreender, entender".

País de muitas línguas
Além do português – o idioma oficial do Brasil –, existem no país cerca de 180 outras línguas, sem considerar as comunidades de imigrantes, só as dos indígenas. Entre a população indígena (cerca de 160 000 pessoas), há aqueles que falam e entendem mais de uma língua (incluindo o português) ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas.



Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 145

Para tratar das variações regionais, elas utilizam um mapa para mostrar os países lusófonos que apontam todos os países que utilizam a língua portuguesa como idioma oficial. Usam duas questões para ilustrar esse processo de variação.

Figura 2 – Variedades regionais.

Variedades regionais

Português brasileiro e de outros países lusófonos

A língua portuguesa é a língua oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. É também uma das línguas oficiais da Guiné Equatorial, do Timor-Leste e da cidade de Macau, na China. Por terem como idioma oficial o português, esses países e a cidade de Macau são chamados de **lusófonos** (veja o mapa).



PAÍSES LUSÓFONOS

0 3.052 6.104
1 cm = 3.052 km

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 145

Primeiramente, utilizam exemplos de outras regiões fora do Brasil para comparar alguns termos da língua. Propõem que o aluno identifique termos utilizados no idioma Cabo-verdiano sejam substituídos por termos utilizados no nosso idioma, mas que possuem mesmo sentido. Justificam que a diferença entre o português falado no Brasil é diferente do Cabo-verdiano à medida que esse país

teve contato mais afinado com Portugal do que com o Brasil, o que contribuiu para que o país assimilasse melhor o idioma dos portugueses.

Seguindo a sequência da atividade sugerida, no tópico que trata do português do Brasil e o português europeu (de Portugal), as autoras utilizam as Histórias em quadrinhos (HQs) das personagens de Calvin, que são produzidas originalmente em inglês, mas a que foi utilizada, no livro, é uma versão portuguesa, traduzida no português de Portugal.

Figura 3 – O português do Brasil e o português de Portugal

O português do Brasil e o português europeu (de Portugal)

1. As HQs da personagem Calvin são escritas originalmente em inglês. A história a seguir foi tirada de uma edição portuguesa desses quadrinhos e, por isso, está traduzida no português de Portugal.

Professor: Comente com os alunos que, nessa edição portuguesa, o nome do tigre, Hobbes, não é traduzido, enquanto nas publicações brasileiras etc é chamado de Haroldo.

Bill Watterson. Disponível em: <http://static.publico.pt/calvin_and_hobbes/indexe4-dhtml.asp>. Acesso em: 14 jan. 2011.

a) Entre o penúltimo e o último quadrinho, a história dá um salto no tempo. O que provavelmente aconteceu nesse período não mostrado ao leitor?

b) A linguagem utilizada nessa HQ tem diferenças em relação ao português brasileiro. Dê exemplos de expressões e frases que não são comuns no Brasil. Não sabem mesmo a nada; vou desenhar-te a ti; bestial, não está a sair nada bem; dá cá; estou em pulgas; não estou a mentir etc.

c) Como essas expressões e frases provavelmente seriam escritas em uma tradução brasileira da história?

1. a) Provavelmente, Calvin foi à escola, entregou o desenho à professora, e ela deve ter questionado o trabalho – o pedido era para que os alunos desenhassem seu animal de estimação, e tigre não são animais de estimação, o menino deve ter dito que seu tigre fez o desenho, o que sos como mentira; a professora mandou-o explicar-se com o diretor.

1. c) Possibilidades de resposta: não sabem mesmo a nada; não têm mesmo gosto de nada; vou desenhar-te a ti; vou desenhar você; bestial demais, legal; não está a sair nada bem; não está ficando nada bom; dá cá; dá aqui;

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 146

As autoras utilizaram a questão para mostrar as diferenças do Português europeu e o brasileiro, em que essas expressões têm características próprias. No

final da atividade, elas usam um trecho da crônica “Em Portugal se diz assim” de Rubem Braga para enfatizar as diferenças entre termos utilizados no Português de Portugal que no português brasileiro possui outro sentido.

Figura 4 – O português europeu e o brasileiro.

As diferenças entre o português europeu e o brasileiro são o tema de uma crônica de Rubem Braga. Leia um trecho. estou à mentir; não estou mentindo etc. Professor: Se os alunos se interessarem, leia outros trechos da crônica disponíveis no Manual do Professor.

São notas de minha última viagem a Portugal. “Devido ao rebentamento dum pneu de uma das rodas da retaguarda, despistou-se um autocarro...” – é assim que se conta, em Portugal, a história de um ônibus que derrapou. Ele pode ter colhido um peão (pedestre) na berna (acostamento) da estrada, ou “um miúdo (menino) que estava a jogar à bola”. [...]

Rubem Braga. Em Portugal se diz assim. In: *Recado de primavera*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 146

Em outro tópico que traz O português do Brasil e o português de países africanos lusófonos, é abordado de forma sucinta que a utilização do português pelos africanos lusófonos em alguns aspectos (na mídia, em documentos, no ensino, etc). No cotidiano, são utilizadas línguas nacionais ou crioulas. A convivência com línguas locais com o português vem causando um afastamento desses países e o de Portugal.

Para justificar o que foi dito anteriormente, às autoras usaram uma notícia tirada de um jornal cabo-verdiano on-line.

Figura 5 – O português do Brasil e o português dos países africanos lusófonos.

O português do Brasil e o português de países africanos lusófonos

Nos países africanos lusófonos, a língua portuguesa é utilizada na mídia, em documentos, no ensino, em parte da literatura e nas relações internacionais. Na vida cotidiana, na família, na oralidade, são utilizadas também línguas nacionais ou crioulas. Essa convivência do português com línguas locais vem causando um distanciamento entre o português desses países e o de Portugal.

1. Em Cabo Verde, convivem duas línguas: o **crioulo** cabo-verdiano, a língua de comunicação na família, da oralidade e das situações informais, e o português, língua oficial e do ensino, da literatura, da mídia e das situações formais. Leia esta notícia, tirada de um jornal cabo-verdiano on-line.

Crioulo é o nome que se dá à língua mista, nascida do contato de um idioma, geralmente europeu, com a língua nativa de um país e que pode se tornar, ao longo do tempo, a língua materna de uma comunidade.

Professora: estudantes crioulos franceses (1488), ingleses (1482/1483), portugueses (países da África e Ásia).

Condutores “roubam” passeios aos peões

O desrespeito pelas regras de trânsito é, alegadamente, “normal” na Cidade da Praia, assim como o é estacionar em cima dos passeios, impedindo que as pessoas possam caminhar em segurança. [...]

É habitual encontrarmos carros estacionados em cima dos passeios em zonas como o Palmarejo, Platô e Achada de Santo António, entre outras. Um facto que se deve, em grande parte, à falta de civismo dos condutores, mas também, muitas vezes, devido à falta de estacionamento que responda à demanda do excesso de viaturas, por exemplo, em zonas como o Platô. [...]

Os condutores estacionam em cima dos passeios, muitas vezes, encostados até à porta de casa das pessoas, impedindo os peões de circularem em segurança, nas infraestruturas que foram construídas para o efeito.

Assim, os peões são obrigados, na maioria dos casos, a circular na estrada. Isto pode constituir um perigo não só para os peões mas também para os próprios condutores, que surpreendidos por um peão na estrada podem provocar um acidente ao desviarem-se dos mesmos. [...]

A Nação, Cabo Verde, 28 jun, 2011.

Rua em Cidade da Praia, em Cabo Verde.

a) No português brasileiro, que palavras usaríamos, no contexto da notícia, no lugar de **peão, passeio, condutor, estrada e viatura**?

b) Sabendo que Cabo Verde foi colônia de Portugal do século XV até 1975, explique as diferenças entre o português cabo-verdiano e o do Brasil.

1. a) peão: pedestre; passeio: calçada; condutor: motorista; estrada: uma faixa de rolamento; viatura: carro/veículo

1. b) Cabo Verde possui um crioulo.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 147

Observamos que nas questões sugeridas, o aluno terá que identificar palavras que são usadas naquele contexto com significado diferente do que é utilizado no português brasileiro. É trabalhado também um pouco da constituição histórica da língua, sendo que o contato de Cabo Verde com Portugal contribuiu para que características do dialeto português fossem incorporados e assimilados com mais consistência pelos falantes daquela região.

Em outra atividade, temos uma música de Cesária Évora, cantora cabo-verdiana, a versão em crioulo e em português, para que o aluno faça uma comparação daquelas palavras que comprovam que essa língua tem alicerce no português de Portugal.


Figura 6 – Questão que trata de uma canção trazendo a versão em português e em crioulo

2. Agora leia a letra, em crioulo, de uma canção do repertório de Cesária Évora – cantora cabo-verdiana conhecida no mundo todo – e compare-a com a versão em português (à direita). Identifique no texto em crioulo palavras que comprovam que essa língua local é de base portuguesa. *sorte, trinta e cinco, despôs, el, tchega, mim etc.*

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 147

Figura 7- Canção Sorte versão em português e crioulo

Sorte	Sorte
Trinta e cinco ône despôs El tchega na mim El rodeá na bêra d'muto caboverdeano Moda borleta El sentá na mim Li el otchá mel el otchá fel Qu'm tava ta guardá'l El otchá-me pronto pá el	Trinta e cinco anos depois Ela chegou a mim Ela girava em torno dos cabo-verdianos Qual uma borboleta Ela pousou em mim Ela aspergiu em mim mel e fel Eu estava a guardá-la E estava pronta para ela
Sorte di nha vida 'M tava ta esperô-be Já bô tchega, dali bô ca tá bai [...]	Sorte de minha terra Eu a estava esperando Você já chegou e agora você não sairá mais daqui [...]



Nika Sicite e Teofilo Chantre. Disponível em:
<<http://letras.terra.com.br/cesaria-evora/128324/traducao.html>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 148

Utilizam exemplos da variação regional dentro das regiões brasileiras, enfatizando que mesmo com o uso dos recursos tecnológicos como forma de aproximação das várias regiões do país ainda encontrou diferenças nas falas que são peculiares de cada região.

Ao tratar da Variação linguística em varias regiões do país, as autoras usam como subsídio dois trechos com expressões típicas da variação regional, em que o aluno terá que identificar a qual região pertence cada uma e que significado pode ser atribuído levando em conta o contexto, trabalhando a variação regional levando em consideração o que contexto que a palavra assume.

Figura 8- Variação regional

Variação linguística entre as regiões do Brasil

Em um país com as dimensões do Brasil, é natural que existam diferenças entre os modos de falar das pessoas das diversas regiões. Embora o amplo acesso da população aos meios de comunicação de massa tenha diminuído muitas distinções, uma pessoa do Norte ou Nordeste não fala como uma do Sul; quem é da área rural não fala como o morador de uma grande cidade, e até entre cidades do mesmo estado se percebem diferenças de pronúncia, vocabulário etc.

1. Os trechos a seguir apresentam termos e expressões típicos de algumas variedades regionais. Procure identificar a que região pertencem e tente deduzir seu significado pelo contexto. Se necessário, consulte o dicionário.

Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.
 – Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma rebofeira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, fiz uma sesteada morruda.
 Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar, até para quebrar a lombeira, e fui-me à água que nem capincho! [...] E solito e no silêncio, tornei a vestir-me, encilhei o zaino e montei.

Simões Lopes Neto. *Contos gaúchos e lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

Só porque meu casamento foi triste [...], foi mesmo que eu ter comprado cartilha pra outro ler.

Patativa do Assaré. Apud: Mária do Socorro Silva de Aragão. *Relações língua sociedade e cultura na linguagem popular do Ceará*. Universidade Federal do Acre

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 146

No que diz respeito ao trato das Variedades históricas, as autoras iniciam externando que toda língua viva passa por transformações ao longo dos tempos o que culmina para o que conhecemos como variedades históricas. Para comprovar, elas usam um trecho de uma crônica “Antigamente” de Carlos Drummond de Andrade para ser comparada com o mesmo texto reescrito na linguagem atual.

Figura 9- Variedades históricas

Variedades históricas

Com o passar do tempo, o avanço da tecnologia e da ciência e as mudanças nos costumes, vemos, a cada dia, surgirem novos aparelhos e objetos que cumprem novas funções ou a função de outros, que caem em desuso, como a caneta de bico de pena e o mata-borrão.

Da mesma forma, também palavras podem deixar de ser usadas, num processo que acontece em qualquer língua viva, inclusive em português: o tempo todo criam-se palavras, enquanto outras vão desaparecendo.

Assim, a variação regional não é a única possível: existem também variedades decorrentes da época, do momento histórico.

1. Leia, na coluna à esquerda, um trecho da crônica “Antigamente”, de Carlos Drummond de Andrade. À direita, o mesmo texto reescrito na linguagem atual.

<p>Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombriças, asthmas os gatos [...]</p> <p><small>Carlos Drummond de Andrade. Caminhos de João Brando. Rio de Janeiro: Record, 2002.</small></p>	<p>Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para comprar o remédio, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença terrível era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes, asma, os gatos.</p>
--	--

Esse texto permite concluir que a linguagem de “antigamente” é diferente da de hoje em dia em relação a vocabulário, ortografia ou pontuação?



Caneta com bico de pena de metal e vidro de tinta.



Mata-borrão.

Língua viva é aquela usada por uma comunidade linguística e que, por isso, está sujeita a mudanças. Língua morta é a língua que não está mais em uso e só é conhecida por meio de documentos, como o latim e o grego antigo, por exemplo.



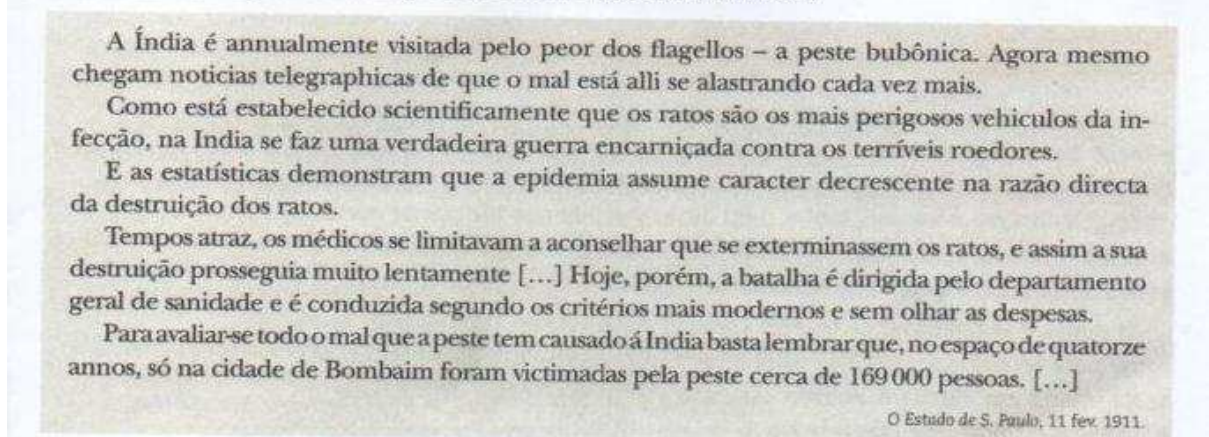
Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 146

As idealizadoras do Livro Didático mostraram que existe uma diferença entre o vocabulário e a ortografia, alguns termos eram escritos de forma diferente do que é escrito atualmente, o que comprova que com o passar dos tempos, a língua sofreu transformações e outras palavras foram incorporadas ao nosso idioma.

As questões seguintes utilizam uma notícia de jornal para trabalhar a interpretação textual.

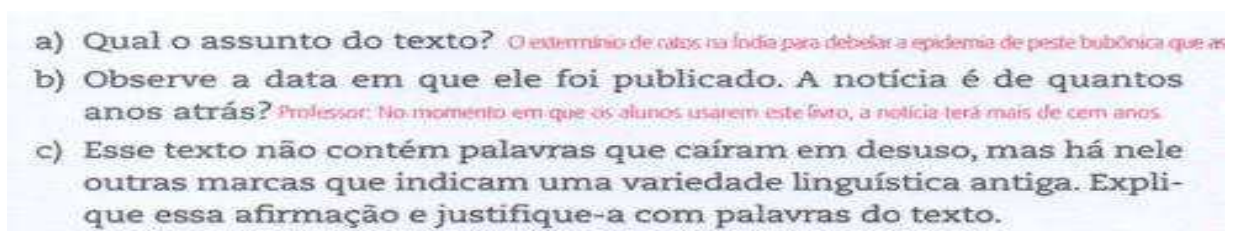
Figura 10 – Notícia do Jornal Estado de São Paulo, publicada em 1911.

2. Leia esta notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1911.



Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 146

Figura 11- Questão de interpretação



Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 150

Nesse contexto é trabalhada a questão da modificação da escrita e desuso de algumas palavras dessa forma, as pesquisadoras expõem a viação do ponto de vista histórico, em que as palavras são modificadas com o passar do tempo.

Para finalizar a atividade, as autoras abordam os casos da Norma padrão e as variedades urbanas de prestígio. Elas dizem que a língua não pode se apresentar de maneira instável, por isso é necessário um modelo que garanta orientação quando os usuários precisarem utilizar dela de um modo culto.

Na atividade podemos encontrar conceitos e algumas informações extras como um pequeno trecho do linguista Marcos Bagno em que o mesmo responde a um pequeno questionamento: E se estiver fora do padrão? O trecho mencionado na obra foi retirado do livro “A língua de Eulália: novela sociolinguística”.

Figura 12- Norma padrão e variedades urbanas de prestígio

A norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio

Como vimos, a língua varia de acordo com fatores como região e época. Então, como fazer para que ela não vá se transformando de tal maneira que seus falantes deixem de se entender?

Para garantir à língua uma relativa estabilidade, existe a chamada **norma-padrão**, uma espécie de modelo ideal de língua, que pode orientar os falantes quando precisam usar a língua de modo mais formal e lhes permite acessar um universo de informações registradas em livros, jornais, documentos oficiais etc.

Norma-padrão é um modelo ideal da língua, um conjunto de regras que garante a ela uma relativa estabilidade.

As inúmeras variedades da língua portuguesa, faladas pelos milhões de brasileiros de diferentes regiões, idades e grupos sociais, fazem parte do patrimônio cultural brasileiro, atestando a diversidade de nossa cultura.

Entre tantas variedades, algumas são socialmente mais prestigiadas. Trata-se das variedades faladas pelas pessoas mais escolarizadas, em geral pertencentes às classes economicamente privilegiadas e de maior influência social, cultural e política. Essas variedades, que são próximas da norma-padrão, recebem o nome de **variedades urbanas de prestígio**.

Variedades urbanas de prestígio são as variedades linguísticas utilizadas pelos falantes urbanos que desfrutam de maior prestígio político, social e cultural. As demais variedades são consideradas não padrão.

O fato de algumas variedades serem mais prestigiadas que outras tem relação com a forma como a sociedade se organiza: prestigia-se a linguagem dos grupos considerados mais influentes. Porém, todas as variedades da língua têm recursos suficientes para desempenhar sua função de comunicação e, sendo assim, não se justifica o preconceito linguístico, isto é, o preconceito contra quem não domina as variedades urbanas de prestígio.

O poeta e intelectual brasileiro Oswald de Andrade (1890-1954), que lutou pelo reconhecimento de uma língua portuguesa brasileira, diferente da falada em Portugal, aborda essa questão no poema a seguir. Leia-o para responder às questões de 1 a 3.

E se estiver fora do padrão?

Leia o que diz um linguista a respeito do português que não segue a norma-padrão.

[...] o fato de não ser um padrão, de não ser um modelo a ser imitado por quem se considera instruído, não significa que esta variedade do português [o português não padrão] seja “errada”, “pobre de recursos”, “insuficiente para a expressão”... Muito pelo contrário, [...] ela tem uma clara lógica linguística, tem regras que são coerentemente obedecidas, e serve de material para uma literatura popular muito rica.

— Marcos Bagno, A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

(telegraficos); letras não pronunciadas desapareceram (vehículos, caracter, directo, victimados); o e passou a r (peço); modificação na acentuação (vehículos, caracter); troca do z por s (atrás).

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 150

Após apresentar os conceitos sobre norma padrão e variedades urbanas de prestígio serem apresentados, elas resumem que mesmo com o fato de muitas variedades serem consideradas mais prestigiadas do que outras, todas têm recurso suficiente para atender seu propósito de comunicação, o que para elas não justifica o fato de existir preconceito linguístico contra aqueles considerados de “classes menos prestigiadas”.

É mencionado o grande poeta brasileiro Oswald de Andrade que muito lutou pelo reconhecimento de uma língua brasileira com características próprias diferenciada da de Portugal. Em seu poema intitulado “Vício na fala”, observamos três questões que ilustram palavras seguindo a norma não padrão, mas que nem por

isso não tem seu valor, instigando o aluno a refletir sobre uso da variedade não padrão.

Figura 13- Menção ao Poeta Oswald de Andrade

O poeta e intelectual brasileiro Oswald de Andrade (1890-1954), que lutou pelo reconhecimento de uma língua portuguesa brasileira, diferente da falada em Portugal, aborda essa questão no poema a seguir. Leia-o para responder às questões de 1 a 3.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 150

Figura 14- Poema Vício na fala

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
 Para melhor dizem mió
 Para pior pió
 Para telha dizem teia
 Para telhado dizem teiado
 E vão fazendo telhados.

Oswald de Andrade. Poesia reunida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

1. Que palavras no poema não estão escritas de acordo com a norma-padrão?
mio, mió, pió, teia, teiado
2. Podemos supor que os trabalhadores que dizem **teiado** e constroem telhados simbolizam, no poema, uma parcela ampla da população brasileira. Qual?
A das pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram o ensino formal e que realizam trabalhos que exigem esforço braçal.
3. Releia.

"E vão fazendo telhados."

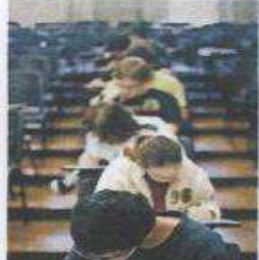
 - a) Fazer telhados é algo que exige habilidades? Explique.
Sim, exige planejamento, força, destreza física, coragem, coordenação motora, certos conhecimentos matemáticos e espaciais etc.
 - b) Pode-se entender que o eu poético critica ou respeita as pessoas que falam **mio**, **mió**, **pió** e constroem telhados? Por quê?
 - c) Indique no caderno apenas a(s) conclusão(ões) autorizada(s) pelo poema.
 - I. Todos os trabalhadores deveriam dominar a norma-padrão.
 - II. O valor de uma pessoa está naquilo que ela é e realiza, não na variedade linguística que emprega.
 - III. O valor de uma pessoa está na variedade linguística que ela emprega, e não naquilo que realiza. Resposta: II


Por que estudar a norma-padrão na escola?

Se todas as variedades linguísticas são igualmente válidas na interação comunicativa, por que estudar a norma-padrão na escola?

Há mais de um motivo. Um deles é que falantes de variedades desprestigiadas com frequência deixam de utilizar serviços a que têm direito por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos, nos contratos, nos documentos jurídicos.

Outros motivos: dominar a norma-padrão permite acessar o conhecimento acumulado por muitas gerações; permite compreender e redigir textos literários, didáticos, técnicos, científicos, jornalísticos; permite sair-se bem em situações relativas a trabalho, concursos e provas.





Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 151

Por fim, elas fazem um pequeno resumo com os pontos mais importantes trabalhados que precisam ser fixados pelos educando.

Figura 15- Resumo

Para lembrar

- A língua portuguesa não é empregada do mesmo modo por todos os falantes. As variações que ela apresenta conforme a região e a época em que é falada ou conforme a idade, a escolaridade e o grupo social a que pertence o falante são chamadas de **variedades linguísticas**. Existem, então, variedades regionais, históricas etc.
- Costuma-se chamar de **norma-padrão** (ou português-padrão) um modelo ideal da língua portuguesa, que normatiza seu uso, tanto oral como escrito, proporcionando uma relativa estabilização linguística.
- Entre as inúmeras variedades do português, existem algumas, usadas pelos falantes urbanos que desfrutam de maior prestígio político, social e cultural, e que se convencionou chamar de **variedades urbanas de prestígio**.
- De forma geral, pode-se dizer que os gêneros formais e públicos exigem o emprego de variedades próximas da norma-padrão, enquanto nos gêneros relacionados a situações descontraídas emprega-se uma linguagem também mais descontraída.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 151

Acreditamos que as atividades propostas no tratamento da variação linguística I, são relevantes ao passo que incentiva ao aluno a apropriar –se dos recursos da expressão adequando-se as diversas situações da fala.

Os alunos devem refletir sobre a linguagem que está sendo utilizada por vários falantes em diferentes situações de comunicação, assim, é possível entender melhor e respeitar a dinamicidade da língua posta em situações de comunicação por diversos usuários.

As atividades sugeridas desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento linguístico do aluno, à medida que fomenta todo um sistema de regras que no seu uso do dia a dia necessita de um estudo mais apurado que tenha efetiva significância na vida dele. Sabemos que as atividades tratam de forma bem sintetizada o uso da variação, sendo que só é dada uma atividade para ilustrar cada tipo de variação, o que compromete a percepção do aluno.

Na mesma unidade, encontramos o tópico as variedades linguísticas II, que foca nas variações socioculturais e variação situacional.

Figura 16- reflexão sobre a língua- variação linguística II

REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

Variedades linguísticas II

Variações socioculturais

As variações socioculturais ocorrem de acordo com a classe ou grupo social a que pertencem os usuários da língua. Entre elas, há aquelas que estão ligadas a fatores como idade, sexo, escolaridade e grupo social do falante.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 162

Iniciam com uma pequena explanação das variações socioculturais. Nesse momento elas utilizam as variações decorrentes da idade dos falantes em que é usado um trecho da crônica “Modos de xingar” do autor Carlos Drummond de Andrade.

Figura 17- Variações decorrentes da idade dos falantes

Variações decorrentes da idade dos falantes

Uma dessas variações é a que decorre das diferenças entre o modo de falar de pessoas de idades diferentes (jovens, adultos, pessoas idosas). Com o passar do tempo, as experiências de vida nos levam a ter contato com outras falas, o que vai modificando nossa própria linguagem.

Leia este trecho da crônica “Modos de xingar”, que narra uma discussão em que a diferença de linguagem entre gerações fica bem clara.


1. O senhor idoso se dirige ao jovem usando as palavras **biltre**, **sacripanta**, **charro** e **onagro**.

– BILTRE!
– O quê?
– Biltre! Sacripanta!
– Traduz isso para o português.
– Traduzo coisa nenhuma. Além do mais, charro! Onagro!
Parei para escutar. As palavras jorravam de um Ford de bigode. Quem as proferia era um senhor idoso, terno escuro, fisionomia respeitável, alterada pela indignação. Quem as recebia era um garotão de camisa esporte, dentes clarinhos emergindo da floresta capilar, no interior de um fusca. Desses casos de toda hora: o fusca bateu no Ford. Discussão. Bate-boca. O velho usava o repertório de xingamento de seu tempo e de sua condição [...]

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979.

a) Você conhecia essas palavras? *Resposta pessoal.*

b) Escreva no caderno o significado delas. Se necessário, consulte o dicionário. *biltre: canalha; sacripanta: velhaco, indigno; charro: sem refinamento, grosseiro; onagro: burro.*

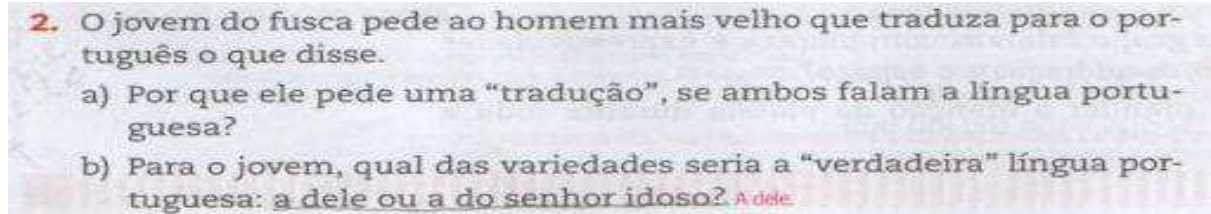


Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 162

Para o texto trabalhado, foram utilizadas duas questões, a primeira busca instigar no educando o conhecimento que ele tem a respeito de algumas palavras

utilizadas no texto, bem como o que elas significam. Na segunda questão, temos uma interpretação das palavras que são utilizadas no contexto.

Figura 18- Questão que trata da interpretação do texto anterior



Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 162

Por tratar de um diálogo entre faixas etárias diferentes, as autoras expõem o preconceito linguístico presente na sociedade, por tratar de um senhor já com uma idade elevada, a linguagem que ele emprega é considerada inferior.

Na sequência, encontramos o uso do jargão e da gíria para mostrar as diferenças linguísticas visíveis nos interlocutores que utilizam esses termos. O jargão se constitui como termos utilizados por pessoas que participam das mesmas atividades profissionais, sendo comuns termos peculiares da linguagem. As autoras utilizaram um trecho do artigo publicado em uma revista on-line.

Figura 19- jargão e gíria

Jargão e gíria

1. Leia este trecho de um artigo publicado em uma revista on-line.

A terapia imunossupressora utilizada no transplante de órgãos apresentou importantes avanços nas duas últimas décadas. Ao outrora chamado protocolo clássico com prednisona e azatioprina acrescentou-se a ciclosporina no início dos anos 80 e posteriormente diversas drogas hoje incorporadas à prática clínica: o tacrolimus, os micofenolatos (mofetil e sódico) e as rapamicinas (sirolimus e everolimus). Agentes biológicos foram aprimorados [...] e outros, usando a tecnologia de produção de anticorpos monoclonais, foram desenvolvidos [...].

Disponível em: <<http://www.medonline.com.br/manfrol.html>>. Acesso em: 1º jul. 2011.

a) A qual destas áreas esse texto se relaciona? Medicina.

Engenharia química Psicologia Filosofia Medicina

b) Em que você se baseou para responder à pergunta anterior?

c) O que torna difícil às pessoas que não são especialistas nessa área compreender o texto? A linguagem repleta de termos técnicos específicos da área de Medicina.

d) Pela linguagem do texto, a que tipo de leitor ele se dirige? Médicos e, eventualmente, profissionais de áreas afins, como farmacologistas.

1. b) Possibilidade de resposta: Palavras e expressões como terapia, transplante de órgãos, drogas, prática clínica e anticorpos revelam que o texto se relaciona à área de Medicina.

2. O conjunto de termos específicos usados por pessoas que compartilham a mesma atividade profissional chama-se **jargão profissional**.

2. Os trechos a seguir apresentam o jargão de quais grupos profissionais?

a)

Em um jogo marcado por polêmicas, Bahia e Atlético-MG empataram em 1 a 1 [...]. Souza marcou o tento do Bahia, aos 3 min da segunda etapa. Neto Berola, aos 31 min, empatou o duelo. Com esse resultado, o Bahia continua sem vencer na competição e soma seu segundo ponto. O Atlético-MG chegou ao sete pontos. [...]. No segundo tempo, aos 3 min, Lulinha chutou de fora da área, a bola bateu nas costas de Leonardo Silva e o árbitro marcou pênalti, convertido por Souza. [...].

Jogadores e técnicos de futebol, jornalistas esportivos etc.

Folha de S.Paulo, 12 jun. 2011.

b)

Neste artigo vamos explicar o gerenciamento de pacotes RPM, utilizando o Shell (Terminal) do Linux [...]. A distro Linux que estou utilizando é a CentOS 5.6, uma distro classe empresarial baseada na distro Red Hat Enterprise Linux 5.6, com a qual mantém 100% de compatibilidade binária.

Profissionais ligados à informática.

Disponível em: <<http://rmasters.com.br/artigo/20746/linux/gerenciamento-de-pacotes-rpm-em-modo-texto-em-distros-red-hat-e-compatíveis>>. Acesso em: 1º jul. 2011.

Não apenas os profissionais usam linguagens que os leigos não entendem. Alguns grupos sociais (os adolescentes, os universitários, os rappers, os ciclistas etc.) também têm uma linguagem própria que, teoricamente, apenas seus componentes entendem: a **gíria**.

Falando de forma diferente da empregada pela maioria, os integrantes desses grupos afirmam sua identidade e mostram que são diferentes de outros setores da sociedade.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 163

Nesse caso, encontramos uma característica da variação que pertence à comunidade na área da medicina, com termos próprios utilizados no dia a dia deles.

Por se tratar de uma linguagem científica, o aluno irá compreender que são termos existentes em uma determinada comunidade, reforçando a ideia de que a língua apresenta características linguísticas dos falantes que a utilizam no processo de comunicação.

Na questão seguinte, ainda tratando do jargão, observamos que dois trechos utilizados são mencionados para que os alunos possam identificar a qual comunidade essa linguagem pertence, nesse momento é trabalhado as diferenças entre as comunidades.

Figura 20- jargão profissional

2. Os trechos a seguir apresentam o jargão de quais grupos profissionais?

a)

Em um jogo marcado por polêmicas, Bahia e Atlético-MG empataram em 1 a 1 [...] Souza marcou o tento do Bahia, aos 3 min da segunda etapa. Neto Berola, aos 31 min, empatou o duelo. Com esse resultado, o Bahia continua sem vencer na competição e soma seu segundo ponto. O Atlético-MG chegou ao sete pontos. [...]

No segundo tempo, aos 3 min, Lulinha chutou de fora da área, a bola bateu nas costas de Leonardo Silva e o árbitro marcou pênalti, convertido por Souza. [...]

Folha de S.Paulo, 12 jun. 2011.

Jogadores e técnicos de futebol, jornalistas esportivos etc.

b)

Neste artigo vamos explicar o gerenciamento de pacotes RPM, utilizando o Shell (Terminal) do Linux [...] A distro Linux que estou utilizando é a CentOS 5.6, uma distro classe empresarial baseada na distro Red Hat Enterprise Linux 5.6, com a qual mantém 100% de compatibilidade binária.

Profissionais ligados à informática

Disponível em: <<http://lnmasters.com.br/artigo/20746/linux/gerenciamento-de-pacotes-rpm-em-modo-texto-em-distros-red-hat-e-compativeis>>. Acesso em: 1ª jul. 2011.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 163

Após a questão, as responsáveis pelo material, ressaltam que não só os profissionais utilizam termos próprios, mas que outras classes mostram sua identidade por meio de termos, incompreensíveis por quem não pertence a esse grupo, o que elas chamam de gíria, para elas, muitos dessas marcas são incorporadas a língua.

Figura 21- gíria e grupos sociais

Não apenas os profissionais usam linguagens que os leigos não entendem. Alguns grupos sociais (os adolescentes, os universitários, os rappers, os ciclistas etc.) também têm uma linguagem própria que, teoricamente, apenas seus componentes entendem: a **gíria**.

Falando de forma diferente da empregada pela maioria, os integrantes desses grupos afirmam sua identidade e mostram que são diferentes de outros setores da sociedade.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 163

Figura 22- conceito de gíria

A maioria das gírias tem existência curta, mas algumas acabam sendo incorporadas permanentemente à língua e usadas pela população em geral.

Gírias são termos não convencionais utilizados em lugar de outras palavras correntes da língua. Trata-se de uma linguagem restrita de alguns grupos sociais, cujo uso afirma a identidade de seus usuários e marca sua diferença em relação ao restante da sociedade.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 164

Ao tratar a Variação situacional ou de registro, as autoras começam enfatizando que não nos expressamos da mesma maneira em todas as situações. Muitas vezes falamos de forma mais ou menos formal, dependendo do contexto em que estamos inseridos, dessa forma, elas conceituam variações de registro, como as diferentes maneiras que uma mesma pessoa pode desempenhar sua competência comunicativa.

Figura 23- variação situacional (de registro)

Variação situacional (variação de registro)

Observe que você não se expressa da mesma forma em todas as situações de sua vida: algumas vezes você é totalmente informal, outras vezes procura certa formalidade, cria frases mais cuidadas etc. Além disso, note que sua fala não é igual à sua escrita.

As variações que ocorrem quando **uma mesma pessoa** usa a língua de modos diferentes, conforme a situação de comunicação, chamamos de variações de **registro**.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 164

As autoras trazem a questão da formalidade e informalidade ilustradas por meio de um poema de Carlos Drummond de Andrade, “Aula de Português”, que enfatiza o trato do português como duas formas diferentes.

Figura 24- formalidade e informalidade

Formalidade e informalidade

Leia o poema “Aula de português”, reproduzido a seguir.

A linguagem
na ponta da língua, tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o Amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, **esquipáticas**,
atropelam-me, **aturdem-me**, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que **comia**,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o **outro**, mistério

Esquipático:
esquisito,
extravagante.
Aturdir:
estontear,
atordoar.

Carlos Drummond de Andrade. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 164

Dando sequência à atividade, as autoras trabalham o fato do “eu poético” caracterizar o “português como dois”, à proporção que elas buscam a justificativa para tal afirmação.

Figura 25- análise do poema

1. Releia o último verso, depois copie no caderno a frase que explica adequadamente a afirmação do eu poético de que “o português são dois”. Responda

- a) Para o eu poético, há uma língua portuguesa que se fala no dia a dia, simples e espontânea, e outra que se aprende na escola.
- b) Para o eu poético, a linguagem simples das crianças tem menos valor que a usada pelas pessoas que aprenderam gramática.
- c) O português ensinado pelo professor fez com que o eu poético deixasse de ser ignorante como quando falava com a prima.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 164

Na questão seguinte, elas tratam da linguagem utilizada pelo eu poético em um determinado momento de sua vida, para mostrar que a língua pode mudar com o passar do tempo, para posteriormente elas explicarem que esse tipo de linguagem é a informal e a que foi empregada pelo professor no poema é a linguagem formal.

Figura 26- formalidade e informalidade

A linguagem espontânea que o eu poético usava quando criança é uma linguagem **informal**. A linguagem ensinada pelo professor, que ele acha tão distante da que usa no dia a dia, é **formal**.

A **formalidade** ou **informalidade** da linguagem dependem da situação comunicativa: uma mesma pessoa, ao redigir um documento oficial, em uma palestra ou em um congresso, fala e escreve utilizando uma linguagem mais **formal** e cuidada. Já em uma conversa entre amigos, em bilhetes ou mensagens eletrônicas, ela usa uma linguagem mais **informal** e espontânea.

É importante conhecermos também a linguagem formal, para que possamos usar sempre a linguagem adequada a nossas intenções e a nosso interlocutor.

Professor: No Manual do Professor do volume do 6º ano, você encontra quadro sobre graus de formalidade.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 165


Dando continuidade, são abordados, no ponto Fala e escrita, os aspectos morfossintáticos e semânticos. As autoras elucidam com um pequeno texto do escritor e humorista Jô Soares.

Figura 27- fala e escrita

Fala e escrita **Habilidade em foco:** identificar aspectos morfossintáticos e semânticos nos usos da língua falada e escrita.

Leia o texto a seguir, do escritor e humorista Jô Soares.

Pois é. U português é muinto fáciu de aprender, purqui é uma língua que a genti escrevi ixatamente cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestâtenção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doida? Num bate nada cum nada. Até nu espanhói, qui é parecidu, si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem sou- bé falá sabi iscrevê.



Jô Soares: Revista Veja, São Paulo, Abril, 28 nov. 1990.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 165

Elas deixam clara a diferença existente na fala e na escrita, ao propor um texto escrito com palavras mostrando ao aluno que pronunciamos de uma maneira, mas na escrita usamos outra, diferentemente como expõe o próprio texto.

Nas questões seguintes, é trabalhada a norma-padrão e a variação na pronúncia, enfatizando o que pode ser compreendido pelo próprio texto.

Figura 28- norma padrão e variação de pronúncia

1. O português é mesmo uma língua que se escreve exatamente como se fala? **Não.**
2. A ironia consiste em dizer o oposto do que se pretende dar a entender. O texto acima é irônico? **Explique.** *Sim, é irônico, porque ao grafar as palavras reproduzindo...*

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 165

Momento em que o educando estará trabalhando a interpretação textual e tomando consciência de que a língua apresenta diferenças na fala e na escrita.

Seguindo o que é apresentado, na questão, elas evidenciam, por meio de uma pergunta, um tema que traz a variação regional, enfatizando a norma padrão e não-padrão, representada na fala de Jô Soares. Na última questão da atividade, é proposto que o aluno reflita sobre as diferenças existentes na língua de cada indivíduo.

Figura 28- grafia e pronúncia

3. A grafia das palavras, na norma-padrão, é sempre a mesma, mas a pronúncia varia. Entre as particularidades da pronúncia dos brasileiros, quais o autor retratou no texto? Resposta: a, b, c, d, e.

a) O **e** final é pronunciado como **i**, e o **o** final é pronunciado como **u** (**sabi, comu, nu**).

b) Na fala, há ditongos que não aparecem na escrita (**bêim, português**).

c) Muitas vezes, na fala eliminamos o **r** final (**corrê, levá**).

d) Palavras que são separadas na escrita muitas vezes são pronunciadas como se fossem uma só (**prestatenção, osóculos**).

e) Alguns ditongos nasais só existem na fala (**muinto**).

f) Alguns ditongos existem na escrita, mas desaparecem na fala (**pexe, caxa**).

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 165

Delmanto & Carvalho (2012) tentam desenvolver nos alunos a percepção das várias maneiras de dizer uma determinada palavra ilustrada no texto, uma vez que ali temos uma escrita que depende da maneira de falar utilizada pelo Jô Soares. Ao final da questão, elas trazem o conceito de fala e escrita

Figura 29- fala e escrita

4. Você acha que todos os brasileiros falam da forma como Jô Soares tentou reproduzir? Explique. Não, existem muitas diferenças de pronúncia entre as diferentes regiões. Por exemplo, em algumas, pronuncia-se gente como genti, em outras como gentzhi.

Fala e escrita são diferentes modalidades da língua. Tanto a fala como a escrita podem ser formais ou informais, conforme a situação de comunicação, mas certas diferenças entre elas são frequentes: a fala costuma conter frases mais curtas, há mais interrupções, hesitações e repetições, e o falante pode recorrer a gestos, olhares, diferentes entonações etc.; a escrita, que pode ser planejada e refeita, costuma trazer frases mais longas e complexas; a pontuação e outros recursos são empregados para criar efeitos de sentido etc.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 165

Seguindo a sequência da atividade proposta, o material didático traz de forma clara e resumida, o fato de um indivíduo utilizar determinada maneira de falar, o que depende da situação que ele está vivenciando.

Na escola é necessário utilizar as duas modalidades, a falada e a escrita, tudo isso para mostrar que nem sempre a fala é menos informal que a escrita, para esclarecer as autoras cita como exemplo uma palestra de um especialista. Também não se pode dizer que a fala é sempre espontânea e a escrita planejada uma vez

que em uma palestra por exemplo, é preciso planejar o que vai ser dito já em um e-mail, podemos utilizar a linguagem espontânea e informal.

Figura 30- modalidade oral

O que determina quando uma pessoa usa a modalidade falada e quando usa a escrita são as situações que ela **vivencia**. Na escola, é preciso empregar a modalidade escrita com frequência, mas também a oral (nas interações com os colegas e o professor, em exposições orais, dramatizações, no intervalo etc.).

Não se pode afirmar que a fala seja sempre mais informal que a escrita, pois a palestra de um especialista, por exemplo, exige linguagem oral formal. Também não se pode dizer que a fala seja sempre espontânea, e a escrita sempre planejada, pois, na palestra, é preciso planejar o que vai ser falado, e um e-mail pessoal ou uma mensagem via celular podem ser escritos, sem qualquer planejamento, em linguagem espontânea e informal.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 166

Para finalizar o tratamento da variação linguística II, as autoras trazem um ponto intitulado Para lembrar, que é um pequeno resumo dos tópicos trabalhados na atividade para que o aluno possa fixar melhor aqueles pontos mais importantes.

Figura 31- para lembrar

Para lembrar

- As **variedades socioculturais** estão ligadas a fatores como idade, sexo, escolaridade e grupo social do falante.
- **Jargão** é um conjunto de termos específicos usados entre pessoas que compartilham a mesma atividade profissional.
- **Gíria** é a linguagem falada por determinado grupo social e, a princípio, incompreensível para quem não pertence a ele. Alguns termos de gíria são incorporados permanentemente à língua.
- **Variações de registro** são as que ocorrem na fala de uma mesma pessoa de acordo com a formalidade da situação de comunicação e conforme a modalidade da língua que ela emprega (oral ou escrita).
- A linguagem **formal**, mais cuidada e próxima da norma-padrão, é utilizada, por exemplo, em jornais de circulação nacional, documentos, textos científicos ou jurídicos, cartas comerciais, palestras, noticiários televisivos, congressos, provas de vestibular etc.
- A linguagem **informal**, espontânea e não preocupada com a norma-padrão, é utilizada entre amigos e familiares, nas conversas do dia a dia etc.
- **Fala e escrita** são diferentes modalidades da língua. Em ambas pode haver variação no grau de formalidade, conforme a situação de comunicação.

Fonte: Jornadas.port, 2012, p. 166

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações ocorridas na língua no decorrer dos anos contribuíram para que um novo olhar fosse dado ao ensino de língua portuguesa. Com o passar dos tempos, as línguas se modificam, adquirindo características próprias de seu uso em cada comunidade que ela é desempenhada.

A linguística contribui de forma significativa para que a língua seja compreendida em sua realidade, no contexto de comunicação pertencente a cada comunidade de fala e com o surgimento da Sociolinguística esse fato só tem ganhado mais força e consistência.

As variações sempre vão estar presentes no nosso dia a dia, sendo necessário que no ensino de língua materna ela seja trabalhada para que os educandos possam conhecê-las e ter consciência do uso da língua a fim de combater os preconceitos linguísticos.

Nesse trabalho, no primeiro capítulo, tratamos da história do português, de maneira a mostrar as contribuições do processo histórico para a composição do nosso idioma.

Dando continuidade, pudemos observar a importância da língua, linguagem e linguística, por meio da concepção de diferentes autores, momento em que estudamos o trato da variação linguística como fator para entendermos nossa língua, a fim de respeitar as diferenças existentes.

No terceiro capítulo, tratamos da história do Livro Didático como recurso viável para o ensino, vimos que o mesmo é indispensável, no sentido de nortear as ações do professor, mas não deve ser a única ferramenta de consolidação teórica do mesmo.

Destacamos ainda que, o professor tem um papel fundamental na relação de como se sucede o ensino, uma vez que ele pode selecionar os conteúdos que serão desenvolvidos em sala de aula, reelaborando seu material por meio da utilização de diferentes manuais didáticos.

O Livro Didático pode ter um papel fundamental para a construção de uma metodologia que facilite o processo de ensino. Todavia, como qualquer recurso metodológico, nunca estará pronto, acabado, necessitará sempre de complementos e adaptações na tentativa de alcançarmos uma melhoria significativa no ensino-aprendizagem.

No tocante as análises, evidenciamos que o livro *Jornadas.port* apresenta, no geral, uma boa proposta de estudo das variantes linguísticas, mas é evidente que nenhum livro didático estará completo, acabado, ele necessitará de novos complementos, ele nunca deve ser utilizado como um único recurso metodológico empregado pelo professor.

O que devemos deixar claro é que o uso das variações linguísticas não devem se resumir apenas a um capítulo ou seção de um livro, todos os Livros Didáticos devem abordar esse assunto em toda sua extensão contéudística, visto que é de suma importância o conhecimento, por parte dos alunos, de seus traços linguísticos a partir do contexto social, cultural, histórico que ele está inserido.

Com o intuito de garantir uma melhoria significativa no ensino, novas metodologias devem ser selecionadas a fim de desenvolver capacidades e habilidades nos alunos e novas abordagens ao tratamento da variação devem ser dadas, ao passo que só assim o ensino acontecerá de maneira mais eficiente e produtiva.

Almejamos, por fim, que esta pesquisa contribua de forma significativa para que o ensino possa instruir os alunos como seres pensantes, críticos e atuantes em uma sociedade que utiliza a língua como forma de interação social, manifestada de diferentes maneiras com suas peculiaridades, não mais ou menos importante do que outra.

REFERÊNCIAS

ABAUURRE, M. B. M. **Conversas com linguístas**: virtudes e controvérsias da linguística [et. al.]; Antônio Carlos Xavier e Suzana Cortez (org.). São Paulo: Parábola Editorial 2003.

ABRAÇADO, J. **Entrevista som Maria Marta Pereira Scherre sobre preconceito linguístico, variação linguística e ensino**. Caderno de letras da UFF- Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário, nº 36, p. 11-26, 1 sem. 2008. Disponível em <<http://www.uff.br/cadernosdeletrasuff/36/entrevista.pdf>> Data de acesso 21/09/2016.

ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro & interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003- (Série Aula;1)

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola. 2007.

_____. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística/ 15. Ed.- São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira/ - São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

_____. **Preconceito linguístico o que é, como se faz**- São Paulo: Loyola, 1999.

_____. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa/ - São Paulo: Parábola Editorial, 2001 184p.

BAGNO, M.(org.). **Linguística da Norma**/ 2ª Ed.- São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BAKHTIN, M. M.; VOLOCHINOV, V.N. **Maxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Ática. 1990.

BORBA, F. da S. **Introdução aos estudos linguísticos**. - 11 ed.- Campinas, SP: Pontes, 1991.

BORTONI- RICARDO, S. M. **Educação em língua materna**: a sociolinguística na sala na sala de aula- São Paulo: Parábola Editorial, 2004 [linguagem; 4]

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/ Secretaria de educação Fundamental- Brasília: MEC/ SEF, 1998.

BRASIL. **Guia do Livro Didático PNLD 2014**: língua portuguesa. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2013.

CALVET, L. J. **Sociolinguística**: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.

- CHOMSKY, N. **Reflexões sobre a linguagem**. São Paulo: Cultrix, 1980.
- COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica**. – Rio de Janeiro: imperial novo milênio, 2011.
- DELMANTO, D.; CARVALHO B. de. **Jornadas.port- língua portuguesa, 7º ano/ -**. Ed.- São Paulo: Saraiva, 2012.
- FIORIN, J. L. (org.) **Linguística? Que é isso?/-** São Paulo: Contexto. 2013.
- FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W. F. da. **O livro didático em questão/-** 3 ed.- São Paulo: Cortez, 1997.(Biblioteca de educação, série 8- Atualidades em educação, v. 3).
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação-** Campinas, São Paulo: Mercado de Letras 1996. (Coleção leituras no Brasil).
- GURPILHARES, M. S. S. in: **As bases filosóficas da gramática normativa: uma abordagem histórica**. Janus, Lorena, ano 1, nº 1, 2º semestre de 2004.
- MARTELOTTA, M. E. (org.) **Manual de linguística/**, 2. Ed. 2ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2013.
- MARTIN, R. **Para entender a linguística: epistemologia elementar de uma disciplina**, Robert Martin; tradução Marcos Bagno- São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação/** São Paulo: Contexto, 2003.
- MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (orgs.). **Introdução a linguística: fundamentos epistemológicos**, volume 3/-3. Ed.-São Paulo: Cortez 2013.
- ORLANDI, E. P., 1942- **O que é linguística/-** 2. Ed.- São Paulo: Brasiliense, 2009.- (coleção primeiros passos; 184)
- SAUSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix/ Edusp, 2006.
- TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática. 1990.

Anexos

JORNADAS.*port*

MATERIAL DE
DIVULGAÇÃO

Língua Portuguesa

CÓDIGO DA COLEÇÃO

2	5	5	6	C	O	L	0	1
---	---	---	---	---	---	---	---	---

Dileta Delmanto
Laiz B. de Carvalho

 Editora
Saraiva

Manual do Professor

7º ano

 Editora
Saraiva

Jornadas.port – Língua Portuguesa – 7º ano (Ensino Fundamental)
© Dileta Delmanto, Laiz B. de Carvalho, 2012

Direitos desta edição:
Saraiva S.A. – Livrinhos Editores, São Paulo, 2012
Todos os direitos reservados



Foto de capa
Poema visual "Chove chuva", de João Bello.
Uma releitura da letra da canção do compositor
e músico Jorge Ben Jor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Delmanto, Dileta
Jornadas.port – Língua Portuguesa, 7º ano / Dileta Delmanto, Laiz B. de
Carvalho, – 2. ed. – São Paulo : Saraiva, 2012.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia
ISBN 978-85-02-17078-0 (aluno)
ISBN 978-85-02-17079-7 (professor)

I. Língua portuguesa (Ensino fundamental) I. Carvalho, Laiz B. de
II. Título.

12-04112

CDD-372.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Língua portuguesa : Ensino fundamental 372.6

Gerente editorial	M. Esther Nejm
Editor	Olivia Maria Neto
Editores assistentes	Maria Cecília Fernandes Vannucchi, Sílvia Cunha
Revisão técnica	Vania Regina Gomes
Coordenador de revisão	Camila Christi Gazzani
Revisores	Lucia Scoss Nicolai (enc.), Ana Maria Marson, Clara Altenfelder Santos Caratta, Etza Martha Doring, Sueli Bossi
Assistente de produção editorial	Rachel Lopes Corradini
Coordenador de iconografia	Cristina Akisino
Pesquisa iconográfica	Mariana Valeiro, Denise Kremer
Licenciamento de textos	Érica Brambila, Marina Murphy
Gerente de artes	Ricardo Borges
Projeto gráfico e capa	Homem de Mello & Troia Design
Imagem de capa	João Bello
Produtor de artes	Narjara Lara
Coordenador de artes	Vagner Castro dos Santos
Diagramação	RS2 Comunicações
Ilustrações	André Flauzino, Bruno Brasil, Jorge Zaiba, Mariana Coan, Mauro Souza, Mauro Takeshi Kawasaki, Pedro Paulo Sotito, Quanta Estúdio de Artes, Robson Moura, Rogério Borges, Tatiana Moes Spinelli
Cartografia	Mario Yoshida
Assistente de arte e infografia	Daniela Di Credito Máximo
Tratamento de imagens	Bernard Rodrigues Fuzetti
Impressão e acabamento	Esdeva Indústria Gráfica S.A

Impresso no Brasil – 2012

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

O material de publicidade e propaganda reproduzido nesta obra está sendo utilizado apenas para fins didáticos,
não representando qualquer tipo de recomendação de produtos ou empresas por parte dos autores e da editora.

 **Editora
Saraiva**
www.editorasaraiva.com.br

Rua Henrique Schaumann, 270 – Cerqueira César – São Paulo/SP – 05413-909
Fone: (11) 3613 3000 – Fax: (11) 3611 3308
Televendas: (11) 3616 3666 – Fax Vendas (11) 3611 3268

Atendimento ao professor: (11) 3613 3030 – Grande São Paulo
0800 0117875 – Demais localidades
atendprof.didatico@editorasaraiva.com.br

REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

Variedades linguísticas I

Habilidade em foco: identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades históricas, sociais, regionais e de registro.

1. Leia esta pequena crônica, chamada "A língua".

Conta-me Cláudio Mello e Souza. Estando em um café de Lisboa a conversar com dois amigos brasileiros, foram eles interrompidos pelo garçom, que perguntou, intrigado:

– Que raio de língua é essa que estão aí a falar, que eu percebo tudo?

Rubem Braga. Recado de primavera. Rio de Janeiro: Record, 1998.

- a) A qual língua o título do texto se refere? *A língua portuguesa.*
b) O que pode ter levado o garçom a pensar que se falava uma língua diferente da sua? *Possivelmente a pronúncia daqueles brasileiros, o vocabulário, a forma como construíam as frases.*

É fato bem conhecido que existem muitas diferenças entre a língua portuguesa falada em Portugal e a falada no Brasil. Porém, não é apenas entre o português europeu e o brasileiro que ocorrem variações. Por ser falada em diferentes contextos sociais e culturais, em diferentes regiões, por pessoas de diferentes idades e grupos sociais e em diferentes momentos históricos, até mesmo dentro do território brasileiro a língua portuguesa apresenta variações.

As variações que uma língua apresenta em razão das diferentes condições sociais, culturais, regionais e históricas vividas por seus falantes são chamadas de **variedades linguísticas**.

Variedades regionais

Português brasileiro e de outros países lusófonos

A língua portuguesa é a língua oficial de Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. É também uma das línguas oficiais da Guiné Equatorial, do Timor-Leste e da cidade de Macau, na China. Por terem como idioma oficial o português, esses países e a cidade de Macau são chamados de **lusófonos** (veja o mapa).

PAÍSES LUSÓFONOS



Perceber, nesse contexto, é "compreender, entender".

País de muitas línguas

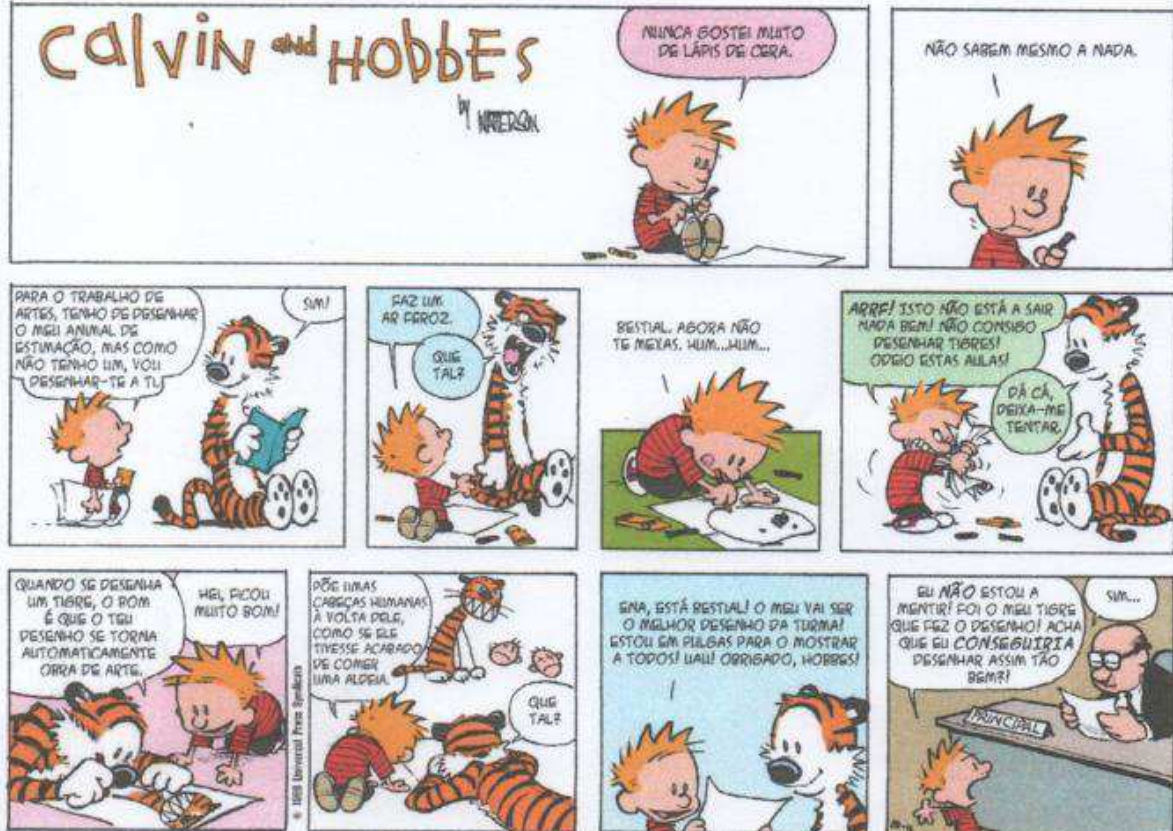
Além do português – o idioma oficial do Brasil –, existem no país cerca de 180 outras línguas, sem considerar as comunidades de imigrantes, só as dos indígenas. Entre a população indígena (cerca de 160 000 pessoas), há aqueles que falam e entendem mais de uma língua (incluindo o português) ou que entendem muitas línguas, mas só falam uma ou algumas delas.



O português do Brasil e o português europeu (de Portugal)

1. As HQs da personagem Calvin são escritas originalmente em inglês. A história a seguir foi tirada de uma edição portuguesa desses quadinhos e, por isso, está traduzida no português de Portugal.

Professor: Comente com os alunos que, nessa edição portuguesa, o nome do tigre, Hobbes, não é traduzido, enquanto nas publicações brasileiras ele é chamado de Haroldo.



Bill Watterson. Disponível em: <http://static.publico.pt/calvin_and_hobbes/indexie4-dhtml.asp>. Acesso em: 14 jan. 2011.

- a) Entre o penúltimo e o último quadrinho, a história dá um salto no tempo. O que provavelmente aconteceu nesse período não mostrado ao leitor?
- b) A linguagem utilizada nessa HQ tem diferenças em relação ao português brasileiro. Dê exemplos de expressões e frases que não são comuns no Brasil. *Não sabem mesmo a nada; vou desenhá-lo a ti; bestial, não está a sair nada bem; dá cá; estou em pulgas; não estou a mentir etc.*
- c) Como essas expressões e frases provavelmente seriam escritas em uma tradução brasileira da história?

1. a) Provavelmente, Calvin foi à escola, entregou o desenho à professora, e ela deve ter questionado o trabalho – o pedido era para que os alunos desenhassem seu animal de estimação, e tigras não são animais de estimação, o menino deve ter dito que seu tigre fizera o desenho, o que sua como mentira; a professora mandou-o explicar-se com o diretor.

1. c) Possibilidades de resposta: não sabem mesmo a nada; não têm mesmo gosto de nada; vou desenhá-lo a ti; vou desenhá-lo; bestial; demais, legal, não está a sair nada bem; não está ficando nada bom; dá cá; dá aqui; estou em pulgas para; estou louco para; não estou a mentir; não estou mentindo etc.

As diferenças entre o português europeu e o brasileiro são o tema de uma crônica de Rubem Braga. Leia um trecho.

Professor: Se os alunos se interessarem, leia outros trechos da crônica disponíveis no Manual do Professor.

São notas de minha última viagem a Portugal. “Devido ao rebentamento dum pneu de uma das rodas da retaguarda, despistou-se um autocarro...” – é assim que se conta, em Portugal, a história de um ônibus que derrapou. Ele pode ter colhido um peão (pedestre) na berma (acostamento) da estrada, ou “um miúdo (menino) que estava a jogar à bola”. [...]

Rubem Braga. Em Portugal se diz assim. In: *Recado de primavera*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

O português do Brasil e o português de países africanos lusófonos

Nos países africanos lusófonos, a língua portuguesa é utilizada na mídia, em documentos, no ensino, em parte da literatura e nas relações internacionais. Na vida cotidiana, na família, na oralidade, são utilizadas também línguas nacionais ou crioulas. Essa convivência do português com línguas locais vem causando um distanciamento entre o português desses países e o de Portugal.

1. Em Cabo Verde, convivem duas línguas: o **crioulo** cabo-verdiano, a língua de comunicação na família, da oralidade e das situações informais, e o português, língua oficial e do ensino, da literatura, da mídia e das situações formais. Leia esta notícia, tirada de um jornal cabo-verdiano on-line.

Crioulo é o nome que se dá à língua mista, nascida do contato de um idioma, geralmente europeu, com a língua nativa de um país e que pode se tornar, ao longo do tempo, a língua materna de uma comunidade.

Professor: existem crioulos franceses (Haiti), ingleses (Jamaica), portugueses (países da África e Ásia).

Condutores “roubam” passeios aos peões

O desrespeito pelas regras de trânsito é, alegadamente, “normal” na Cidade da Praia, assim como o é estacionar em cima dos passeios, impedindo que as pessoas possam caminhar em segurança. [...]

É habitual encontrarmos carros estacionados em cima dos passeios em zonas como o Palmarejo, Platô e Achada de Santo António, entre outras. Um facto que se deve, em grande parte, à falta de civismo dos condutores, mas também, muitas vezes, devido à falta de estacionamento que responda à demanda do excesso de viaturas, por exemplo, em zonas como o Platô. [...]

Os condutores estacionam em cima dos passeios, muitas vezes, encostados até à porta de casa das pessoas, impedindo os peões de circularem em segurança, nas infraestruturas que foram construídas para o efeito.

Assim, os peões são obrigados, na maioria dos casos, a circularem na estrada. Isto pode constituir um perigo não só para os peões mas também para os próprios condutores, que surpreendidos por um peão na estrada podem provocar um acidente ao desviarem-se dos mesmos. [...]



A Nação. Cabo Verde, 28 jun. 2011.

Rua em Cidade da Praia, em Cabo Verde.

- a) No português brasileiro, que palavras usaríamos, no contexto da notícia, no lugar de **peão**, **passeio**, **condutor**, **estrada** e **viatura**?
 - b) Sabendo que Cabo Verde foi colônia de Portugal do século XV até 1975, explique as diferenças entre o português cabo-verdiano e o do Brasil.
2. Agora leia a letra, em crioulo, de uma canção do repertório de Cesária Évora – cantora cabo-verdiana conhecida no mundo todo – e compare-a com a versão em português (à direita). Identifique no texto em crioulo palavras que comprovam que essa língua local é de base portuguesa. *sorte, trinta e cinco, despôs, el, tcheja, mim etc.*

1. a) peão: pedestre; passeio: calçada; condutor: motorista; estrada: uma faixa de rolamento; viatura: carro/veículo

1. b) Cabo Verde teve contato mais estreito com Portugal do que com o Brasil durante muitos anos, assim é natural que tenha assimilado a maneira de falar dos portugueses.

Professor: Se possível, ouça a canção com os alunos para que observem não só a pronúncia como a beleza da música.

Sorte

Trinta e cinco ône despôs
El tchega na mim
El rodeá na bêra d' muto
caboverdeano
Moda borleta
El sentá na mim
Li el otchá mel el otchá fel
Qu' m tava ta guardá'l
El otchá-me pronto pá el

Sorte di nha vida
'M tava ta esperó-be
Já bô tchega, dali bô ca tá bai
[...]

Sorte

Trinta e cinco anos depois
Ela chegou a mim
Ela girava em torno dos
cabo-verdianos
Qual uma borboleta
Ela pousou em mim
Ela aspergiu em mim mel e fel
Eu estava a guardá-la
E estava pronta para ela

Sorte de minha terra
Eu a estava esperando
Você já chegou e agora você
não sairá mais daqui
[...]



Cesária Évora.

Nika Sicite e Teófilo Chantre. Disponível em:
<<http://letras.terra.com.br/cesaria-evora/128324/traducao.html>>. Acesso em: 29 jun. 2011.

Variação linguística entre as regiões do Brasil

Em um país com as dimensões do Brasil, é natural que existam diferenças entre os modos de falar das pessoas das diversas regiões. Embora o amplo acesso da população aos meios de comunicação de massa tenha diminuído muitas distinções, uma pessoa do Norte ou Nordeste não fala como uma do Sul; quem é da área rural não fala como o morador de uma grande cidade, e até entre cidades do mesmo estado se percebem diferenças de pronúncia, vocabulário etc.

1. Os trechos a seguir apresentam termos e expressões típicos de algumas variedades regionais. Procure identificar a que região pertencem e tente deduzir seu significado pelo contexto. Se necessário, consulte o dicionário.

Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.
– Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, fiz uma sesteada morruda.
Despertando, ouvindo o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar, até para quebrar a lombeira, e fui-me à água que nem capincho! [...] E solito e no silêncio, tomei a vestir-me, encilhei o zaino e montei.

Simões Lopes Neto. *Cantos gauchescos e lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

Só porque meu casamento foi triste [...], foi mesmo que eu ter comprado cartilha pra outro ler.

Patativa do Assaré. Apud: Maria do Socorro Silva de Aragão. *Relações língua sociedade e cultura na linguagem popular do Ceará*. Universidade Federal do Acre.

Variedades históricas

Com o passar do tempo, o avanço da tecnologia e da ciência e as mudanças nos costumes, vemos, a cada dia, surgirem novos aparelhos e objetos que cumprem novas funções ou a função de outros, que caem em desuso, como a caneta de bico de pena e o mata-borrão.

Da mesma forma, também palavras podem deixar de ser usadas, num processo que acontece em qualquer **língua viva**, inclusive em português: o tempo todo criam-se palavras, enquanto outras vão desaparecendo.

Assim, a variação regional não é a única possível: existem também variedades decorrentes da época, do momento histórico.

1. Leia, na coluna à esquerda, um trecho da crônica "Antigamente", de Carlos Drummond de Andrade. À direita, o mesmo texto reescrito na linguagem atual.

Acontecia o indivíduo apanhar constipação; ficando perrengue, mandava o próprio chamar o doutor e, depois ir à botica para aviar a receita, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença nefasta era a phtysica, feia era o gálico. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos lombrigas, asthmas os gatos [...]

Carlos Drummond de Andrade. *Caminhos de João Brandão*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Acontecia o indivíduo apanhar um resfriado; ficando mal, mandava o próprio chamar o doutor e, depois, ir à farmácia para comprar o remédio, de cápsulas ou pílulas fedorentas. Doença terrível era a tuberculose, feia era a sífilis. Antigamente, os sobrados tinham assombrações, os meninos, vermes, asma, os gatos.

Esse texto permite concluir que a linguagem de "antigamente" é diferente da de hoje em dia em relação a vocabulário, ortografia ou pontuação?

Em relação a vocabulário e ortografia.

2. Leia esta notícia publicada no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1911.

A Índia é anualmente visitada pelo peor dos flagellos – a peste bubônica. Agora mesmo chegam notícias telegraphicas de que o mal está alli se alastrando cada vez mais.

Como está estabelecido scientificamente que os ratos são os mais perigosos vehiculos da infecção, na Índia se faz uma verdadeira guerra encarniçada contra os terríveis roedores.

E as estatísticas demonstram que a epidemia assume caracter decrescente na razão directa da destruição dos ratos.

Tempos atraz, os médicos se limitavam a aconselhar que se exterminassem os ratos, e assim a sua destruição prosseguia muito lentamente [...] Hoje, porém, a batalha é dirigida pelo departamento geral de sanidade e é conduzida segundo os critérios mais modernos e sem olhar as despesas.

Para avaliar-se todo o mal que a peste tem causado á Índia basta lembrar que, no espaço de quatorze annos, só na cidade de Bombaim foram victimadas pela peste cerca de 169 000 pessoas. [...]

O Estado de S. Paulo, 11 fev. 1911.



Caneta com bico de pena de metal e vidro de tinta.



Mata-borrão.

Língua viva é aquela usada por uma comunidade linguística e que, por isso, está sujeita a mudanças. **Língua morta** é a língua que não está mais em uso e só é conhecida por meio de documentos, como o latim e o grego antigo, por exemplo.



- a) Qual o assunto do texto? *O extermínio de ratos na Índia para debelar a epidemia de peste bubônica que assola o país anualmente.*
- b) Observe a data em que ele foi publicado. A notícia é de quantos anos atrás? *Professor: No momento em que os alunos usarem este livro, a notícia terá mais de cem anos.*
- c) Esse texto não contém palavras que caíram em desuso, mas há nele outras marcas que indicam uma variedade linguística antiga. Explique essa afirmação e justifique-a com palavras do texto.

2. c) A grafia das palavras se modificou: *sabbado, annualmente, peor, flagellos, telegraphicos, alli, scientificamente, vehiculos, caracter, directo, atraz, annos, victimadas*. Professor: Na lousa, monte com os alunos uma relação dos tipos de modificação. Letras dobradas que hoje não são (*sabbado, annualmente, flagellos, alli, annos*); letras iniciais não pronunciadas caíram (*scientificamente*); *ph* com o som de *f* (*telegraphicos*); letras não pronunciadas desapareceram (*vehiculos, caracter, directo, victimadas*); o *e* passou a *i* (*peor*); modificação na acentuação (*vehiculos, caracter*); troca do *z* por *s* (*atraz*).

A norma-padrão e as variedades urbanas de prestígio

Como vimos, a língua varia de acordo com fatores como região e época. Então, como fazer para que ela não vá se transformando de tal maneira que seus falantes deixem de se entender?

Para garantir à língua uma relativa estabilidade, existe a chamada **norma-padrão**, uma espécie de modelo ideal de língua, que pode orientar os falantes quando precisam usar a língua de modo mais formal e lhes permite acessar um universo de informações registradas em livros, jornais, documentos oficiais etc.

Norma-padrão é um modelo ideal da língua, um conjunto de regras que garante a ela uma relativa estabilidade.

As inúmeras variedades da língua portuguesa, faladas pelos milhões de brasileiros de diferentes regiões, idades e grupos sociais, fazem parte do patrimônio cultural brasileiro, atestando a diversidade de nossa cultura.

Entre tantas variedades, algumas são socialmente mais prestigiadas. Trata-se das variedades faladas pelas pessoas mais escolarizadas, em geral pertencentes às classes economicamente privilegiadas e de maior influência social, cultural e política. Essas variedades, que são próximas da norma-padrão, recebem o nome de **variedades urbanas de prestígio**.

Variedades urbanas de prestígio são as variedades linguísticas utilizadas pelos falantes urbanos que desfrutam de maior prestígio político, social e cultural. As demais variedades são consideradas não padrão.

O fato de algumas variedades serem mais prestigiadas que outras tem relação com a forma como a sociedade se organiza: prestigia-se a linguagem dos grupos considerados mais influentes. Porém, todas as variedades da língua têm recursos suficientes para desempenhar sua função de comunicação e, sendo assim, não se justifica o preconceito linguístico, isto é, o preconceito contra quem não domina as variedades urbanas de prestígio.

O poeta e intelectual brasileiro Oswald de Andrade (1890-1954), que lutou pelo reconhecimento de uma língua portuguesa brasileira, diferente da falada em Portugal, aborda essa questão no poema a seguir. Leia-o para responder às questões de 1 a 3.

E se estiver fora do padrão?

Leia o que diz um linguista a respeito do português que não segue a norma-padrão.

[...] o fato de não ser um padrão, de não ser um modelo a ser imitado por quem se considera instruído, não significa que esta variedade do português [o português não padrão] seja "errada", "pobre de recursos", "insuficiente para a expressão"... Muito pelo contrário, [...] ela tem uma clara lógica linguística, tem regras que são coerentemente obedecidas, e serve de material para uma literatura popular muito rica.

Marcos Bagno. A língua de Eulália: novela sociolinguística. São Paulo: Contexto, 2006.

Vício na fala

Para dizerem milho dizem mio
Para melhor dizem mió
Para pior pió
Para telha dizem teia
Para telhado dizem teiado
E vão fazendo telhados.



Oswald de Andrade. Poesia reunida. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

1. Que palavras no poema não estão escritas de acordo com a norma-padrão?
mio, mió, pió, teia, teiado
2. Podemos supor que os trabalhadores que dizem **teiado** e constroem telhados simbolizam, no poema, uma parcela ampla da população brasileira. Qual?
A das pessoas que frequentaram pouco ou não frequentaram o ensino formal e que realizam trabalhos que exigem esforço braçal.
3. Releia.

"E vão fazendo telhados."

- a) Fazer telhados é algo que exige habilidades? Explique.
Sim, exige planejamento, força, destreza física, coragem, coordenação motora, certas habilidades matemáticas e espaciais etc.
- b) Pode-se entender que o eu poético critica ou respeita as pessoas que falam **mio**, **mió**, **pió** e constroem telhados? Por quê?
- c) Indique no caderno apenas a(s) conclusão(ões) autorizada(s) pelo poema.
 - I. Todos os trabalhadores deveriam dominar a norma-padrão.
 - II. O valor de uma pessoa está naquilo que ela é e realiza, não na variedade linguística que emprega.
 - III. O valor de uma pessoa está na variedade linguística que ela emprega, e não naquilo que realiza. *Resposta: II.*

Para lembrar

- A língua portuguesa não é empregada do mesmo modo por todos os falantes. As variações que ela apresenta conforme a região e a época em que é falada ou conforme a idade, a escolaridade e o grupo social a que pertence o falante são chamadas de **variedades linguísticas**. Existem, então, variedades regionais, históricas etc.
- Costuma-se chamar de **norma-padrão** (ou português-padrão) um modelo ideal da língua portuguesa, que normaliza seu uso, tanto oral como escrito, proporcionando uma relativa estabilização linguística.
- Entre as inúmeras variedades do português, existem algumas, usadas pelos falantes urbanos que desfrutam de maior prestígio político, social e cultural, e que se convercionou chamar de **variedades urbanas de prestígio**.
- De forma geral, pode-se dizer que os gêneros formais e públicos exigem o emprego de variedades próximas da norma-padrão, enquanto nos gêneros relacionados a situações descontraídas emprega-se uma linguagem também mais descontraída.

Por que estudar a norma-padrão na escola?

Se todas as variedades linguísticas são igualmente válidas na interação comunicativa, por que estudar a norma-padrão na escola?

Há mais de um motivo. Um deles é que falantes de variedades desprestigiadas com frequência deixam de utilizar serviços a que têm direito por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos, nos contratos, nos documentos jurídicos.

Outros motivos: dominar a norma-padrão permite acessar o conhecimento acumulado por muitas gerações; permite compreender e redigir textos literários, didáticos, técnicos, científicos, jornalísticos; permite sair-se bem em situações relativas a trabalho, concursos e provas.



3. b) Possibilidade de resposta: Respeita, pois, ainda que pouco escolarizadas, executam trabalhos fundamentais para a sobrevivência e o conforto de toda a população.

Professor: Veja no Manual do Professor as principais marcas das variedades não padrão, caso queira aprofundar esse assunto com os alunos.

REFLEXÃO SOBRE A LÍNGUA

Variedades linguísticas II

Variações socioculturais

As variações socioculturais ocorrem de acordo com a classe ou grupo social a que pertencem os usuários da língua. Entre elas, há aquelas que estão ligadas a fatores como idade, sexo, escolaridade e grupo social do falante.

Variações decorrentes da idade dos falantes

Uma dessas variações é a que decorre das diferenças entre o modo de falar de pessoas de idades diferentes (jovens, adultos, pessoas idosas). Com o passar do tempo, as experiências de vida nos levam a ter contato com outras falas, o que vai modificando nossa própria linguagem.

Leia este trecho da crônica "Modos de xingar", que narra uma discussão em que a diferença de linguagem entre gerações fica bem clara.

1. O senhor idoso se dirige ao jovem usando as palavras **biltre, sacripanta, charro e onagro**.

- BILTRE!
- O quê?
- Biltre! Sacripanta!
- Traduz isso para o português.
- Traduzo coisa nenhuma. Além do mais, charro! Onagro!

Parei para escutar. As palavras jorravam de um Ford de bigode. Quem as proferia era um senhor idoso, termo escuro, fisionomia respeitável, alterada pela indignação. Quem as recebia era um garotão de camisa esporte, dentes clarinhos emergindo da floresta capilar, no interior de um fusca. Desses casos de toda hora: o fusca bateu no Ford. Discussão. Bate-boca. O velho usava o repertório de xingamento de seu tempo e de sua condição [...]

Carlos Drummond de Andrade. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979

- a) Você conhecia essas palavras? *Resposta pessoal.*
 - b) Escreva no caderno o significado delas. Se necessário, consulte o dicionário. *biltre: canalha; sacripanta: velho, indigno; charro: sem refinamento, grosseiro; onagro: burro.*
2. O jovem do fusca pede ao homem mais velho que traduza para o português o que disse.
 - a) Por que ele pede uma "tradução", se ambos falam a língua portuguesa?
 - b) Para o jovem, qual das variedades seria a "verdadeira" língua portuguesa: a dele ou a do senhor idoso? *A dele.*



2. a) Possibilidade de resposta: O jovem expressa-se assim para evidenciar seu espanto diante da existência de palavras tão estranhas que lhe parecem pertencer a outro idioma.

A maioria das gírias tem existência curta, mas algumas acabam sendo incorporadas permanentemente à língua e usadas pela população em geral.

Gírias são termos não convencionais utilizados em lugar de outras palavras correntes da língua. Trata-se de uma linguagem restrita de alguns grupos sociais, cujo uso afirma a identidade de seus usuários e marca sua diferença em relação ao restante da sociedade.

Variação situacional (variação de registro)

Observe que você não se expressa da mesma forma em todas as situações de sua vida: algumas vezes você é totalmente informal, outras vezes procura certa formalidade, cria frases mais cuidadas etc. Além disso, note que sua fala não é igual à sua escrita.

As variações que ocorrem quando **uma mesma pessoa** usa a língua de modos diferentes, conforme a situação de comunicação, chamamos de variações de **registro**.

Formalidade e informalidade

Leia o poema "Aula de português", reproduzido a seguir.

A linguagem
na ponta da língua, tão fácil de falar
e de entender.

A linguagem
na superfície estrelada de letras,
sabe lá o que ela quer dizer?

Professor Carlos Góis, ele é quem sabe,
e vai desmatando
o Amazonas de minha ignorância.
Figuras de gramática, **esquipáticas**,
atropelam-me, **aturdem-me**, sequestram-me.

Já esqueci a língua em que **comia**,
em que pedia para ir lá fora,
em que levava e dava pontapé,
a língua, breve língua entrecortada
do namoro com a prima.

O português são dois; o **outro**, mistério



Esquipático:
esquisito,
extravagante.
Aturdir:
estontear,
atordoar.

Carlos Drummond de Andrade. Poesia completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002.

1. Releia o último verso, depois copie no caderno a frase que explica adequadamente a afirmação do eu poético de que "o português são dois". **Resposta: a.**
 - a) Para o eu poético, há uma língua portuguesa que se fala no dia a dia, simples e espontânea, e outra que se aprende na escola.
 - b) Para o eu poético, a linguagem simples das crianças tem menos valor que a usada pelas pessoas que aprenderam gramática. **N**
 - c) O português ensinado pelo professor fez com que o eu poético deixasse de ser ignorante como quando falava com a prima. **N**
2. Na primeira estrofe, o eu poético se refere à linguagem de sua infância.
 - a) Qual é a característica dessa linguagem? **Era muito fácil de falar e de entender.**
 - b) Em qual das outras estrofes ele volta a se referir a esse português? **Na quarta estrofe.**

A linguagem espontânea que o eu poético usava quando criança é uma linguagem **informal**. A linguagem ensinada pelo professor, que ele acha tão distante da que usa no dia a dia, é **formal**.

A **formalidade** ou **informalidade** da linguagem dependem da situação comunicativa: uma mesma pessoa, ao redigir um documento oficial, em uma palestra ou em um congresso, fala e escreve utilizando uma linguagem mais **formal** e cuidada. Já em uma conversa entre amigos, em bilhetes ou mensagens eletrônicas, ela usa uma linguagem mais **informal** e espontânea.

É importante conhecermos também a linguagem formal, para que possamos usar sempre a linguagem adequada a nossas intenções e a nosso interlocutor.

Professor: No Manual do Professor do volume do 6º ano, você encontra quadros sobre graus de formalidade.

Fala e escrita

Habilidade em foco: identificar aspectos morfosintáticos e semânticos nos usos da língua falada e escrita.

Leia o texto a seguir, do escritor e humorista Jô Soares.

Pois é. U português é muinto fáciu de aprender, purqui é uma língua que a genti escrevi ixtatamenti cumu si fala. Num é cumu inglês qui dá até vontadi di ri quandu a genti descobri cumu é qui si iscrevi algumas palavras. Im português não. É só prestatênção. U alemão pur exemplu. Qué coisa mais doída? Num bate nada cum nada. Até nu espanhol, qui é parecidu. si iscrevi muinto diferenti. Qui bom qui a minha língua é u português. Quem sou-bé falá sabi iscrevê.



Jô Soares. Revista Veja. São Paulo, Abril, 28 nov. 1990.

1. O português é mesmo uma língua que se escreve exatamente como se fala? **Não.**

2. A ironia consiste em dizer o oposto do que se pretende dar a entender. O texto acima é irônico? **Explique.**

Sim, é irônico, porque ao grafar as palavras reproduzindo a pronúncia, o autor deixa claro que há muitas diferenças entre fala e escrita. (ao contrário do que ele diz no texto).

3. A grafia das palavras, na norma-padrão, é sempre a mesma, mas a pronúncia varia. Entre as particularidades da pronúncia dos brasileiros, quais o autor retratou no texto?

Resposta: a, b, c, d, e.

- O **e** final é pronunciado como **i**, e o **o** final é pronunciado como **u** (**sabi, comu, nu**).
- Na fala, há ditongos que não aparecem na escrita (**bêim, português**).
- Muitas vezes, na fala eliminamos o **r** final (**corrê, levá**).
- Palavras que são separadas na escrita muitas vezes são pronunciadas como se fossem uma só (**prestatênção, osóculos**).
- Alguns ditongos nasais só existem na fala (**muinto**).
- Alguns ditongos existem na escrita, mas desaparecem na fala (**pexe, caxa**).

4. Você acha que todos os brasileiros falam da forma como Jô Soares tentou reproduzir? **Explique.**

Não, existem muitas diferenças de pronúncia entre as diferentes regiões. Por exemplo, em algumas, pronuncia-se gente como *genti*, em outras como *gentchi*.

Fala e escrita são diferentes modalidades da língua. Tanto a fala como a escrita podem ser formais ou informais, conforme a situação de comunicação, mas certas diferenças entre elas são frequentes: a fala costuma conter frases mais curtas, há mais interrupções, hesitações e repetições, e o falante pode recorrer a gestos, olhares, diferentes entonações etc.; a escrita, que pode ser planejada e refeita, costuma trazer frases mais longas e complexas; a pontuação e outros recursos são empregados para criar efeitos de sentido etc.

O que determina quando uma pessoa usa a modalidade falada e quando usa a escrita são as situações que ela **vivencia**. Na escola, é preciso empregar a modalidade escrita com frequência, mas também a oral (nas interações com os colegas e o professor, em exposições orais, dramatizações, no intervalo etc.).

Não se pode afirmar que a fala seja sempre mais informal que a escrita, pois a palestra de um especialista, por exemplo, exige linguagem oral formal. Também não se pode dizer que a fala seja sempre espontânea, e a escrita sempre planejada, pois, na palestra, é preciso planejar o que vai ser falado, e um e-mail pessoal ou uma mensagem via celular podem ser escritos, sem qualquer planejamento, em linguagem espontânea e informal.

Para lembrar

- As **variedades socioculturais** estão ligadas a fatores como idade, sexo, escolaridade e grupo social do falante.
- **Jargão** é um conjunto de termos específicos usados entre pessoas que compartilham a mesma atividade profissional.
- **Gíria** é a linguagem falada por determinado grupo social e, a princípio, incompreensível para quem não pertence a ele. Alguns termos de gíria são incorporados permanentemente à língua.
- **Variações de registro** são as que ocorrem na fala de uma mesma pessoa de acordo com a formalidade da situação de comunicação e conforme a modalidade da língua que ela emprega (oral ou escrita).
- A linguagem **formal**, mais cuidada e próxima da norma-padrão, é utilizada, por exemplo, em jornais de circulação nacional, documentos, textos científicos ou jurídicos, cartas comerciais, palestras, noticiários televisivos, congressos, provas de vestibular etc.
- A linguagem **informal**, espontânea e não preocupada com a norma-padrão, é utilizada entre amigos e familiares, nas conversas do dia a dia etc.
- **Fala e escrita** são diferentes modalidades da língua. Em ambas pode haver variação no grau de formalidade, conforme a situação de comunicação.

REVISORES DO COTIDIANO

Uma professora leu o seguinte caso para sua turma.

Habilidade em foco: inferir o efeito de humor ou ironia produzido em um texto literário pelo uso intencional de palavras ou expressões.

O trem costumava passar pela estação por volta de 15 h, todos os dias. Desta vez, em pleno mês de dezembro, o calor era insuportável. Seu Nascimento, porém, estava vestindo um capote de lã. Chegou então um conhecido de seu Nascimento e perguntou:

- Pelo amor de Deus, seu Nascimento, o senhor não está com calor?
- Tô que não me aguento mais, índio veio.
- E por que então não tira o capote?
- Não posso. É ordi.

Puxou do bolso então uma circular da viação férrea e entregou ao amigo, que leu:

"Fica determinado que, a partir desta data, todo funcionário e agente ferroviário deverá usar uniforme, **sobretudo** em horário de passageiros."



Disponível em: <<http://www.paginadogaicho.com.br/caus/s-sobretudo.htm>>. Acesso em: 26 jul. 2010.

Depois de ouvir o caso, um aluno perguntou: "Onde está a graça? Não entendi. Além disso, há muitas palavras erradas no texto".

1. Como você responderia à pergunta e ao comentário desse aluno?
2. Como seria possível escrever a última frase de modo a eliminar o duplo sentido?

2. Fica determinado que, a partir desta data, todo funcionário e agente ferroviário deverá usar uniforme, principalmente em horário de passageiros.

1. O humor do texto é provocado pela confusão de seu Nascimento entre o advérbio **sobretudo** (principalmente) e o substantivo **sobretudo** (casacação própria para vestir por cima de outro agasalho). Quanto ao comentário sobre haver palavras erradas, as palavras e expressões usadas pela personagem (índio veio, ordi) não estão erradas, apenas pertencem a uma variedade não padrão do português.